

GESTÃO DE PROJETOS URBANOS  
PARA GRANDES EVENTOS  
OS CASOS DE BARCELONA, SEVILHA E GENOVA

LUIS GABRIEL DENADAI AMBROSIO



FAU · UFRJ · PROURB

MMVI

GESTÃO DE PROJETOS URBANOS PARA GRANDES EVENTOS  
OS CASOS DE BARCELONA, SEVILHA E GENOVA

LUIS GABRIEL DENADAI AMBROSIO

FAU · UFRJ · PROURB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO  
MESTRADO

ORIENTADORA  
RACHEL COUTINHO MARQUES DA SILVA  
DOUTORA

RIO DE JANEIRO  
MMVI

A496 Denadai, Luis Gabriel Ambrosio.  
Gestão de projetos urbanos para grandes eventos: os casos de Barcelona, Sevilha e Gênova / Luis Gabriel Denadai Ambrosio. – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2006.  
xviii, 88f., xv. : il.; 30 cm.

Orientador: Rachel Coutinho Marques da Silva.  
Dissertação (Mestrado) – UFRJ / PROURB/ Programa de Pós-graduação em Urbanismo, 2006.  
Referências bibliográficas: f.83-7.

1. Urbanismo. 2. Planejamento urbano. 3. Gestão urbana. I. Silva, Rachel Coutinho Marques da. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. III. Título.

CDD 711.4

GESTÃO DE PROJETOS URBANOS PARA GRANDES EVENTOS:  
OS CASOS DE BARCELONA, SEVILHA E GENOVA

LUIS GABRIEL DENADAI AMBROSIO

Dissertação submetida ao corpo docente do PROURB: Programa de Pós-graduação em Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre.

Aprovada por:

---

Prof. Dra. Rachel Coutinho Marques da Silva - Orientadora  
PROURB · FAU · UFRJ

---

Prof. Dra. Denise Pinheiro Machado  
PROURB · FAU · UFRJ

---

Prof. Dr. Julio César Cardoso Rodrigues  
FAU · UFRJ

Rio de Janeiro  
15 de Dezembro de 2006

## RESUMO

DENADAI, Luis Gabriel Ambrosio. Gestão de Projetos Urbanos Para Grandes Eventos: Os Casos de Barcelona, Sevilha e Genova. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) PROURB, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Rachel Coutinho Marques da Silva. Rio de Janeiro, 2006.

Esta dissertação tem por objetivo discutir a eficácia do processo de utilização de grandes eventos como ferramenta para o projeto de áreas urbanas, conhecido como festivalização, com foco nos seus aspectos de gestão e planejamento. Seu objeto de estudo é o processo de desenvolvimento e execução das intervenções ocorridas em Barcelona, Sevilha e Genova, em 1992. Para tanto, estuda-se o projeto urbano, sua definição, seu entendimento do ponto de vista do planejamento e da gestão, e os motivos que o fomentam e dirigem. Um desses é a Festivalização, fenômeno bastante em voga a partir da década de 1990.

Estudam-se 3 casos de grande relevância da utilização desta estratégia, todos em 1992 e em áreas costeiras degradadas: Barcelona, com os Jogos Olímpicos, Sevilha, Expo-92, e Genova, Expo Colombo – buscando focar em aspectos de planejamento e gestão. Barcelona, tão bem sucedida que se tornou o paradigma deste tipo de processo, emprega uma estratégia multi-participativa, descentralizada e adaptativa, que a difere dos outros exemplos, como a mal planejada Sevilha, que produz um fracasso retumbante do ponto de vista urbanístico, ou a modesta Genova, que, apesar de padecer dos mesmos erros da capital andaluz, conta com a sorte e obtém grande sucesso com a construção de um aquário não previsto inicialmente.

Esta pesquisa sugere a importância da participação de todos os segmentos da sociedade na elaboração do projeto, sua gestão descentralizada e um planejamento flexível, com bastante adaptabilidade, para que haja uma maior possibilidade de sucesso na sua execução.

Palavras-chave: Festivalização, Projeto Urbano, Gestão Urbana

## ABSTRACT

DENADAI, Luis Gabriel Ambrosio. *Gestão de Projetos Urbanos Para Grandes Eventos: Os Casos de Barcelona, Sevilha e Genova*. Rio de Janeiro, 2006. Dissertation (Master Degree in Urbanism) PROURB, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tutor: Rachel Coutinho Marques da Silva. Rio de Janeiro, 2006.

This essay wants to discuss the effectiveness of the process of using big events as a tool for the design of urban areas, known as Festivalization, with focus on its aspects of planning and management. Its object of study is the developing process and execution of the interventions occurred in Barcelona, Seville and Genova in 1992. In doing so, one must discuss the ‘urban project’, its definition and understanding from the management and planning point of view, and the reasons that spawn and direct it. One of them is Festivalization itself, a phenomenon on the rise since the 90’s.

Three cases of utmost importance are reviewed, all in 1992 and in degraded waterfront areas: Barcelona, with the Olympic Games, Seville, Expo-92, and Genova, Expo Columbus. The first, so successful, became a paradigm for this kind of process, and deploys a strategy of decentralization, multi-level participation and adaptiveness, which separates it from the other examples, such as the poorly planned Seville, a striking failure from the urban point of view, or the modest Genova, who, despite making the same mistakes as the Spanish, flourishes with the construction of an originally unplanned aquarium.

This research suggests the utmost importance of the participation of every segment of the society in the planning of the project, its decentralized management, and a flexible, adaptive design, in order to create a larger probability of success.

Key-words: Festivalization, Urban Design, Urban Management

## AGRADECIMENTOS

Nenhum trabalho de pesquisa pode ser realizado com satisfação por uma única pessoa. Sempre existirão informações, comentários, auxílios, coincidências que nos colocarão no caminho correto e mostrarão soluções para problemas que julgávamos insolúveis ou irrelevantes. Quando se tenta realizar um Trabalho de Dissertação em meio a outras atividades profissionais, dividindo seu escasso tempo, mais dificuldades aparecem e tornam a colaboração e o estímulo dos amigos e colegas ainda mais necessários.

Em primeiro lugar, a família sempre nos ajuda mais, e neste caso não foi diferente. Quantos comentários e sugestões imprescindíveis para este trabalho devo a meu Pai, também professor e mestrando, e quanta paciência tiveram meus familiares face aos inúmeros problemas que surgiram durante esses anos de pesquisa.

As pessoas que me fizeram ser o profissional que hoje sou, os Mestres em cujos *studi* aprendi a pensar e compreender o espaço e a cidade, têm papel importante na materialização deste trabalho. Lembro-me dos incentivos, ainda estagiário, do Prof. Flávio Ferreira, para que tentasse o mestrado, enquanto discutíamos sobre o urbanismo, a cidade, as pessoas. Seu colaborador, Arq. Luiz Carlos Boeckel, que embora professasse não ter o dom da docência foi o melhor professor de detalhamento que jamais encontrei, e sua paixão pelos clássicos romanos e renascentistas é uma influência que guardo ainda hoje.

Em especial, devo mencionar *il Maestro*, o Prof. Mauro Neves Nogueira, sem o qual este trabalho não teria como tomar forma. Sua ajuda foi de suma importância, e as horas passadas após o expediente no *Studio* de Copacabana, e a generosidade com que garantiu acesso irrestrito a sua magnífica biblioteca, geraram a estrutura dessa pesquisa e a grande maioria de suas fontes bibliográficas. Tamanha ajuda garante-lhe, com facilidade e justiça, o título de co-orientador, e o reconhecimento da enorme dívida que este trabalho, e seu autor, lhe têm.

Das coincidências do cotidiano, devo agradecer com grande entusiasmo a Arq. Maria Helena Rohe Salomon, estimada amiga e colega no município, por ter emprestado a compilação do Venturi, certamente a principal fonte dessa pesquisa, e pela presteza em dar sugestões de fontes e conseguir contato com diversas personalidades tão caras ao tema aqui estudado.

Não poderia esquecer também, da amiga Profa. Anne Hubner que me ajudou com tanta presteza a perceber e por em prática a íntima relação entre a pesquisa acadêmica e a docência universitária.

Por fim, faz-se necessário um enorme agradecimento à Prof.<sup>a</sup> Rachel Coutinho, orientadora deste trabalho, pela paciência e generosidade em aceitar como orientando um aluno perdido, com um tema ainda confuso e insípido, e pela ajuda prestimosa no amadurecimento e na realização desta Dissertação.

À direção do PROURB, especialmente à Prof.<sup>a</sup> Denise Pinheiro Machado, pela enorme paciência e grande agilidade na ajuda e solução aos problemas acadêmicos que surgiram ao longo desse percurso.

## DEDICATÓRIA

Este Trabalho de Dissertação é dedicado à minha família, cujo apoio e formação tanto me ajudaram, aos Mestres que tive a honra e o prazer de encontrar e conviver ao longo da minha breve vida acadêmica e profissional, aos amigos e companheiros, pelo incentivo e interesse constante. E, acima de tudo, ao Altíssimo, sem o qual nada somos e de quem recebemos, de Sua liberalidade, todos os dons que possuímos.

U.I.O.G.D.

## ÍNDICE E FONTE DAS ILUSTRAÇÕES

As ilustrações estão referenciadas pela página onde se encontram e estão indicadas, de cima para baixo e da esquerda para a direita, com letras em ordem crescente, e em negrito. Aquelas do próprio autor estão indicadas pela abreviatura IA. Algumas ilustrações sofreram mudanças, tais como: cor, fundo, campo etc.

**Capa:** Logos dos eventos sobre foto do projeto de Genova *in* Cadernos do Patrimônio Cultural, 1994:11.

### Introdução

xii **a:** Bandeiras Olímpicas, IOC, internet.

### Capítulo I

- 1 **Capa:** Plan Cerdà *in* Barcelona Contemporanea, 1996:61.  
2 **a:** Perspectiva do *Plan Voisin*, Paris, Le Corbusier, 1925, *in* CORBUSIER, 2000:162. **b:** Perspectiva do projeto para Ravenscraig, UK, *in* UDC:23.  
3 **a:** Perspectiva do *Plan Voisin*, Paris, Le Corbusier, 1925, *in* CORBUSIER, 2000:176. **b:** Visão de uma área, *in* UDC:8.  
10 **a:** Pérgamo na Ásia Menor. **b:** Santo Domingo em 1671 *in* MORRIS:348.  
11 **a:** Timgad, Numídia, fundada por I. M. Gallo, 100 d.C., *in* MORINI, 1983:97. **b:** Colonnata no Decumanus Maximus em Timgad. **c:** Sforzinda *in* MORRIS:190.  
12 **a:** Savannah em 1734 *in* MORRIS:419. **b:** Plano Piloto de Brasília. **c:** Barra, Lucio Costa.  
13 **a:** Commissioner's Plan de NY, 1811, Cornell Un. Library.  
14 **a:** Forum de Trajano em Roma *in* MORRIS:71. **b:** Piazza di San Pietro, Roma, Cartão Postal.  
15 **a:** Abertura da Via della Conciliazione, 1937.  
16 **a:** Gravura do Grande Terremoto de Lisboa. **b:** Baixa Pombalina. **c:** Roma em chamas.  
17 **a:** Planta da Domus Áurea. **b:** Pintura do Grande Incêndio de Londres de 1666, Artista Desconhecido. **c:** Plano de C. Wren para reconstrução de Londres *in* KOSTOV:1992.  
18 **a:** Catapulta, Francis Grose, 1783. **b:** Ruínas de Cartago, divulgação.  
19 **a:** Lídice, 1942. **b:** Varsóvia, 1945.  
20 **a,b:** Londres após bombardeios. **c:** Berlim em 1945.  
21 **a:** Postal da Exposição de Paris em 1889.

### Capítulo II

- 22 **Capa:** Londres comemora a indicação para os Jogos Olímpicos de 2012, AFP.  
24 **a:** Totti, FIFA, 2006 **b:** Jubileu 1300, Giovanni Sercambi.  
25 **a:** Foto do Palais na Expo 1900 em Paris. **b:** Mapa da Expo 1893 em Chicago, EUA.

### Capítulo III

- 34 **Capa:** Montagem com os logos dos eventos de Barcelona, Sevilha e Genova.  
39 **a:** Mapa da Europa, IA. **b:** Mapa da Catalunha, Google Maps.  
40 **a:** Foto aérea de Barcelona, IA. **b:** Plan Cerdà *in* Barcelona Contemporanea, 1996:61.  
41 **a:** Favela de Somorrostro *in* Barcelona Contemporanea, 1996:120. **b:** Cartaz de campanha contra a estagnação industrial *in* Barcelona Contemporanea, 1996:186.  
42 **a,b:** Protestos urbanos *in* Barcelona Contemporanea, 1996:191 e 195.  
43 **a:** Mapa do Plano geral metropolitano *in* Barcelona Contemporanea, 1996:208. **b:** Nomeação da cidade como sede olímpica em 1986, Reuters.  
44 **a:** I.A. **b:** Foto Aérea do Montjuic, Ajuntament de Barcelona.  
45 **a:** Foto aérea de satélite, Foto Ajuntament de Barcelona. **b:** Maremagnum.  
46 **a:** Ronda de Dalt *in* Barcelona Contemporanea, 1996:224.  
47 **a:** Correfoc *in* Barcelona Contemporanea, 1996:190. **b:** Salto ornamental no Montjuic, IOC.  
48 **a:** Torre em Barcelona, Foster *in* BENEDETTI, Aldo: Norman Foster, 1996. **b:** Praça de Borrás *in* Barcelona Contemporanea, 1996:233.

- 49 **a:** Vista aérea do Forum 2004, divulgação site do evento. **b:** Porto Olímpico, divulgação.
- 50 **a:** Barcelona no mundo, foto divulgação.
- 51 **a,b:** Mapas *in* expo92.net.
- 52 **a:** Mapa da exposição *in* expo92.net. **b:** Casa de Contratación, Foto Ayuntamiento de Sevilla, Internet.
- 53 **a:** Soldados em Sevilha durante a guerra civil. **b:** Logomarca do projeto Expo'92.
- 54 **a,b:** Vistas do Mosteiro de Sta Maria de las Cuevas, IA. **c:** Tumba de Colombo na Catedral de Sevilha, Divulgação.
- 55 **a:** Frontão da Fábrica Pickman, IA. **b:** Plano diretor da Cartuja, Expo 92 *in* expo92.net.
- 56 **a:** Ponte Sobre o Rio Guadalquivir, Calatrava. **b:** Ponte de la Barqueta, de Arenas e Pantaleón. **c:** Sta Justa, Estação AVE, Foto site AVE.
- 57 **a,b:** Pavilhão dos Descobrimientos, após incêndio e durante sua reconstrução, Fotos expo92.net. **c:** Vista aérea da exposição, Cartão Postal.
- 58 **a,b,c:** Monotrilhos, em funcionamento e abandonados, Fotos expo92.net.
- 59 **a:** Vista aérea do terreno abandonado, Foto Ayuntamiento de Sevilla. **b:** Pavilhão Siemens, Divulgação. **c:** Pavilhão Schindler, Divulgação.
- 60 **a:** Réplica da Caravela de Colombo, IA. **b:** Vista do Parque Isla Mágica, Divulgação.
- 62 **a:** Mapa de Genova. Google Maps. **b:** Vista aérea de Genova por P. Bertelli, 1629.
- 63 **a:** Bandeira Genovesa. **b:** Vista aérea de Genova por Covens-Mortier, 1704.
- 64 **a:** Porto Antico na virada do século, Cartão Postal. **b:** Vista aérea do porto, Foto Comune di Genoa.
- 65 **a:** Detalhe de carta de 1836, David Rumsey Map Collection. **b:** Vista do Palazzo Ducale, IA.
- 66 **a:** Vista aérea da maquete para o projeto do porto *in* BRINGOLO, 1997:111. **b:** Casa de Cristóvão Colombo, IA.
- 67 **a:** Detalhe do projeto do Porto Antico, *in* Cadernos do Patrimonio Cultural, 1994:11. **b:** Projeto do Bigo *in* BRINGOLO, 1997:110.
- 68 **a:** Magazzini del Cotone, IA. **b:** Vista aérea do Porto Antico, Foto Comune di Genoa.
- 69 **a:** Aquário de Genova, IA. **b:** Il Bigo *in* BRINGOLO, 1997:110.
- 70 **a:** Centro de Convenções *Congressi Cotone*, Divulgação. **b,c:** Projeto e Maquete do *Museo del Mare*. Internet, site Renzo Piano Building Workshop.
- 71 **a:** Vista do *Museo del Maré*, IA. **b:** Armazém histórico sob restauro, IA.
- 72 **a:** Porto Antico antes e depois das intervenções *in* BRINGOLO, 1997:111. **b:** Porto de passageiros, Foto Comune di Genoa.

## CONCLUSÃO

- 77 **a:** Festa no Parque Olímpico em Atlanta, 1996, Foto COI.

## ANEXOS

- i **capa:** Projeto do Bigo de Genova *in* BRINGOLO, 1997:110.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	pág. xii
<b>CAPÍTULO 1. DO PROJETO URBANO</b>	pág. 01
1.1. Da Definição de Projeto Urbano .....	pág. 02
1.2. Dos Motivos .....	pág. 10
1.2.1. Fundações .....	pág. 10
1.2.2. Ampliações .....	pág. 12
1.2.3. Reformas e Reestruturações .....	pág. 13
1.2.4. Catástrofes e Reconstruções .....	pág. 15
1.2.5. Festas e Eventos .....	pág. 20
<b>CAPÍTULO 2. DA FESTIVALIZAÇÃO</b>	pág. 22
2.1. Dos Grandes Eventos .....	pág. 23
2.2. Da Festivalização e do Projeto Urbano .....	pág. 25
2.3. Da Festivalização e da Imagem da Cidade .....	pág. 28
<b>CAPÍTULO 3. DOS ESTUDOS DE CASO</b>	pág. 34
3.1. Da Introdução .....	pág. 35
3.2. Da Metodologia de Análise .....	pág. 37
3.3. Dos Estudos de Caso .....	pág. 39
3.3.1. De Barcelona .....	pág. 39
3.3.2. De Sevilha .....	pág. 51
3.3.3. De Genova .....	pág. 62
3.4. Do Quadro Comparativo .....	pág. 73
Quadro Comparativo.....	pág. 74
Legenda .....	pág. 75
<b>CONCLUSÃO</b>	pág. 77
• Referências Bibliográficas .....	pág. 83
• Anexos	pág. i
I. Lista de Feiras Internacionais .....	pág. ii
II. Lista de Jogos Olímpicos de Verão .....	pág. viii
III. Lista de Jogos Olímpicos de Inverno .....	pág. ix
IV. Resultado Financeiro de Barcelona .....	pág. x
V. Mapa da Área de Intervenção em Barcelona .....	pág. xiii
VI. Mapa da Área de Intervenção em Sevilha .....	pág. xiv
VII. Mapa da Área de Intervenção em Genova .....	pág. xv

## INTRODUÇÃO

Aquele que estuda a forma como as coisas se originaram e passaram a existir, quer se trate do estado ou de qualquer outra coisa, terá delas a mais clara visão.

Aristóteles, Política, 1252a, 24-25.



Esta dissertação tem por objetivo discutir a eficácia do processo de utilização de grandes eventos como ferramenta para o projeto de áreas urbanas, com foco nos seus aspectos de gestão e planejamento. Seu objeto de estudo é o processo de desenvolvimento e execução das intervenções ocorridas em Barcelona, Sevilha e Genova, em 1992.

Nas últimas décadas, cidades de todo o mundo estão utilizando esta estratégia de planejamento cada vez mais popular entre os pensadores urbanos, definida por Venturi como a concentração temporal, espacial e temática dos esforços das políticas municipais sobre festividades ou grandes eventos.<sup>1</sup> Batizada de *Festivalização*, consiste em ações baseadas em grandes afluxos ou aglomerações de público, desenvolvidos a partir de ocasiões bastante diversas, como jogos, feiras, exposições, ou celebrações de maior ou menor porte. Em comum possuem a característica de tentar conduzir a uma unidade, e resolver de um só golpe uma multiplicidade de problemas da cidade, que de outra forma não seriam enfrentados singularmente<sup>2</sup>.

O aspecto catalisador de interesses diversos é o motivo principal de sua utilização, somado ao fato de que a existência de uma data de inauguração ou abertura inadiável leva à aceleração e facilitação dos processos de planejamento, financiamento e execução, reduzindo a influência de entraves políticos, eleitorais e principalmente burocráticos. O

---

<sup>1</sup> Marco Venturi. *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994, p. 7.

<sup>2</sup> *Ibid.*, 1994, p. 8.

ponto forte vem através da mobilização popular, que é angariada pelo apelo das festividades e sua relação com a cidade e seus habitantes, minimizando a oposição aos trabalhos e a inquietação com os transtornos que estes venham a gerar durante a sua construção.

Todo esse esforço serve a vários propósitos, mas o principal parece ser o de requalificar a cidade, reverter uma situação de decadência ou depressão existente, e por vezes até alterar a sua vocação econômica, de modo a impulsionar o desenvolvimento urbano, e ganhar exposição nos cenários regional e mundial, conforme Millet, diretor de infra-estruturas do Comitê Organizador de Barcelona, quando lembra que o objetivo do projeto olímpico, além de realizar os jogos, era tentar fazer o máximo com a enorme energia gerada pela competição, trazendo os melhores benefícios possíveis para a cidade.<sup>3</sup> Vender a cidade para seus próprios cidadãos, aumentando sua auto-estima, e para o resto do mundo, é uma necessidade para quem precisa atrair turismo, congressos, negócios, indústrias, e dinamizar a economia local.

Pela sua grande utilização, e por já ser empregado há algumas décadas, ocorre hoje em dia um processo de reflexão sobre seus resultados obtidos em curto e longo prazo. Inúmeras linhas de pesquisa têm se dedicado a esse tema em instituições da Europa e da América, e suas conclusões são de grande importância na elaboração dos novos projetos que estão sendo pensados neste instante.

No âmbito nacional este tema também se faz relevante, principalmente no Rio de Janeiro, devido às suas tentativas de sediar um evento esportivo de grande porte, coroadas pela nomeação aos Jogos Pan-americanos de 2007 após as sucessivas candidaturas aos Jogos Olímpicos de 2004, 2012, e agora 2016. A prefeitura carioca tentou também

---

<sup>3</sup> Luis Millet. *Barcelona: Lessons to be learned. Five little known aspects of the Barcelona Olympics*. In IOC, *Olympic Games and Architecture: The Future for Host Cities*. Lausanne: IOC, 2001, p. 106.

intervenções de menor porte que podem ser caracterizadas como festivalização, como a construção do museu Guggenheim na Praça Mauá, ou as cidades da música e do samba. Estudar casos semelhantes ao carioca pode ajudar na escolha dos elementos corretos de planejamento e execução, e salvar tempo e dinheiro preciosos para a cidade.

Mais do que estudar os projetos, equipamentos e festividades em si, faz-se necessário compreender os processos que os gerenciam, sua execução e planejamento, de modo esclarecer os embates de interesses dos diversos grupos sócio-político-econômicos envolvidos na concretização dos objetivos iniciais da cidade. Este parece ser o enfoque mais útil e necessário do ponto de vista das administrações locais interessadas em utilizar a festivalização como método de estímulo do desenvolvimento urbano. É, porém, um ponto de vista ainda relativamente pouco estudado, enquanto que muitos estudos discutem aspectos formais, espaciais, ou sociológicos, econômicos ou comerciais, poucos se atêm à gestão dos trabalhos, desde sua concepção ideológica até sua colocação em prática. Millet confirma este aspecto ao dizer que um grande evento (no caso as Olimpíadas em Barcelona) são um fato único para a história da cidade, e compatibilizar o programa de desenvolvimento urbano “normal” com a organização e gestão das festividades em si é o grande desafio das cidades-sede.<sup>4</sup> Anderson, diretor de desenvolvimento urbano das Olimpíadas de inverno de 2002, em Salt Lake City, vai ainda mais longe ao dizer que, muito provavelmente, os grandes eventos exercem o maior impacto urbano que as cidades sede verão em sua existência.<sup>5</sup>

Estudar a gestão dos grandes eventos encontra paralelo na idéia contemporânea, cada vez mais empregada, da cidade como uma empresa, gerida por processos empresariais,

---

<sup>4</sup> Luis Millet. *Barcelona: Lessons to be learned. Five little known aspects of the Barcelona Olympics*. In IOC, *Olympic Games and Architecture: The Future for Host Cities*. Lausanne: IOC, 2001, p. 107.

<sup>5</sup> Jerry Anderson. *Venue Masterplanning*. In IOC, *Olympic Games and Architecture: The Future for Host Cities*. Lausanne: IOC, 2001, p. 31.

empenhada em “produzir” bem estar para seus habitantes. Sendo a estratégia em estudo muito exigente do ponto de vista financeiro, e bastante abrangente na quantidade de interesses envolvidos, gestão e planejamento profissionais são necessários para sua realização com o sucesso pretendido. Desse modo observar e aprender com os erros e acertos de outras empreitadas semelhantes torna-se ferramenta muito útil para a preparação e correção das estratégias empregadas nos projetos vindouros.

Como ferramenta inicial para a análise e compreensão dos mecanismos da utilização de grandes eventos como ferramenta de modificação da cidade, é necessário definir e entender os processos que dirigem o próprio projeto urbano. Desde a dicotomia ordem-artificial / caos-natural advogada por Le Corbusier, chega-se às visões multiniveladas de Ingallina e Lamas<sup>6</sup>, que separam o ato de projetar a cidade em várias etapas, do plano ao projeto, do incerto ao definido, do maleável ao rígido.

A gestão do processo projetual, e seu sentido de oportunidade, são aspectos importantes do planejamento urbano lembrados por Portas<sup>7</sup> e inseridos num contexto de mudanças, crises e alterações sócio-econômicas por Tsiomis<sup>8</sup>, compreendendo que as ações sobre o tecido urbano estão inseridas em um contexto social, econômico e político que pode e deve ser aproveitado, para que se possa prever e transformar oportunidades surgidas ao acaso em benefícios para as cidades.

O estudo dessas possibilidades, amplamente baseado na obra de Kostov<sup>9</sup>, busca agrupar-las em alguns grupos afins, e mostrar, através de vários exemplos históricos, sua influência sobre o projeto urbano. Casos clássicos de catástrofes, crises, expansões ou

---

<sup>6</sup> Patrizia Ingallina. *Le Projet Urbain*. Paris: P.U.F., 2001, e LAMAS, José Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

<sup>7</sup> Nuno Portas. *Urbanismo e Sociedade: Construindo o futuro*, in *Cidade e Imaginação* 1ª Ed. Rio de Janeiro: PROURB, 1996.

<sup>8</sup> Yannis Tsiomis. *O Projeto Urbano Hoje: entre situações e tensões*, in *Urbanismo em Questão* 1ª Ed. Rio de Janeiro: PROURB, 2003.

<sup>9</sup> Spiro Kostov. *The City Assembled*. Londres: Bulfinch, 1992.

reformas urbanas são demonstrados e analisados em seus contextos próprios, para que se possam definir suas características de utilização e sua adequação às necessidades das cidades de hoje.

Para este trabalho de dissertação foi necessário delimitar um campo de investigação e os estudos de caso. Procurou-se inicialmente conceituar os processos de planejamento e transformação das cidades para em seguida entrar no mérito da festivalização e dos exemplos.

Na escolha de Barcelona, Sevilha e Genova há uma intenção de seleção de cidades costeiras, latinas, e com intervenção no *waterfront*. O fato de todos os projetos terem sido realizados em 1992 – num passado ainda relativamente recente – concorre para a melhor qualidade do recorte que se deseja dar ao assunto. As diferenças de gerenciamento e planejamento, bem como de porte das intervenções, fornecem elementos para a elaboração de um quadro comparativo que completará esta pesquisa.

Barcelona, escolha inicial, é paradigmática, e sua intervenção foi tão bem sucedida que já não é incomum ouvir falar de “*efeito Barcelona*” na literatura especializada. Suas táticas de planejamento e gerenciamento são objeto de estudo de vários tratados acadêmicos, e inspiração para um sem número de planos semelhantes pelo mundo. É mais do que lógico que se comece pela sua análise, de modo a firmar parâmetros com os quais medir as realizações dos outros casos. Pode-se explicar seu sucesso pelo planejamento cuidadoso de todos os passos tomados, seu caráter multi-participativo, envolvendo todos os segmentos da sociedade catalã através de parcerias público-privadas, sempre tendo como gerente principal as autoridades municipais. Outros pontos importantes incluem a reutilização da estratégia pela cidade diversas vezes após os Jogos Olímpicos, sempre com objetivos claros e facilmente atingidos e superados, e a expansão do Plano Diretor da

cidade para um Plano de Desenvolvimento Regional de todos os arredores da cidade, gerando inclusão e desenvolvimento sustentável para toda a região.

Ao contrário, Sevilha é o grande exemplo negativo da história da festivalização, e seus resultados são temidos por quem quer que organize um evento semelhante. A enorme centralização das decisões nas mãos de um comitê federal capitaneado pelas iniciativas do Rei de Espanha marginalizou as autoridades locais, fazendo com que os reflexos das obras para a cidade ficassem muito aquém do esperado, gerando inclusive um grande problema urbano ao deixar a enorme área da EXPO sem um uso ou ocupação definido.

Genova, a seu lado, fornece um meio termo, um projeto em escala menor, com menos ambições, mas com resultados facilmente relacionáveis aos dois casos principais. Caracteriza-se por ter alguma descentralização, alguma participação da sociedade, e por ser dirigida pelas autoridades municipais, embora contasse com a boa vontade dos demais níveis do governo. Talvez seu ponto mais importante seja a construção do aquário, que, adicionado de última hora ao projeto, acabou por salvar a cidade do mesmo destino de Sevilha, gerando movimento e vida na região portuária atingida pela exposição.

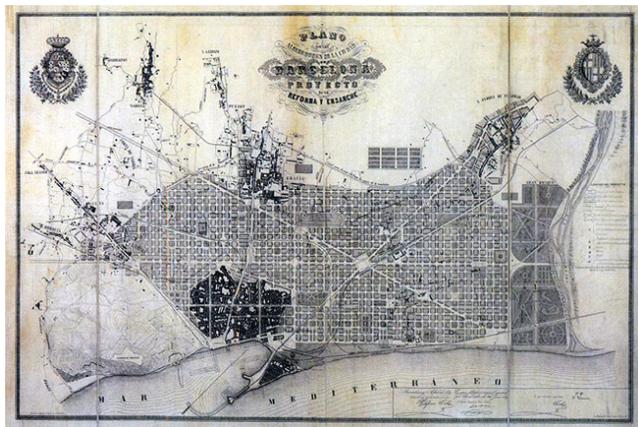
Vale esclarecer que o foco da pesquisa recai sobre os aspectos de planejamento e gerência dos projetos, evitando o estilo tradicional das discussões sobre arquitetura e urbanismo baseadas em análises formais ou espaciais. Assim, evita-se o juízo de valor sobre o desenho e adequação formal dos objetos construídos nas cidades-caso, como deve se portar um planejador que gerencie vários profissionais com tarefas de criatividade formal e espacial sob seu comando.

Espera-se comprovar a íntima relação entre o sucesso e a gestão e planejamento do empreendimento, e mostrar a influência positiva da descentralização, da participação de vários segmentos da sociedade e do governo, e das parcerias público-privadas. As conclusões obtidas após os estudos de caso sugerem também, como pré-requisitos para o

sucesso, a adoção e a inclusão do evento em uma estratégia de projeto de longo prazo, que possa evoluir para um planejamento em escala regional, de forma a criar um desenvolvimento sustentável para toda a região afetada pelas festas.

O trabalho se estrutura em três capítulos: No primeiro, define-se o projeto urbano, e seus processos de transformação são discutidos, com base em numerosos exemplos históricos, tendo por objetivo compreender as ações executadas sobre as cidades. O segundo capítulo aborda o tema da festivalização, discutindo seus fundamentos, objetivos e sua eficácia como ferramenta de desenvolvimento urbano. Já o último compreende os estudos de caso, seguidos por um quadro comparativo onde se resumem as informações anteriormente obtidas, com base nos critérios anteriormente trabalhados, seguido da conclusão, onde são efetuadas as comparações e interpretações pertinentes dos dados.

Deve-se por fim considerar que este trabalho destina-se a uma dissertação para obtenção do título de Mestre, e considera os limites referentes a este nível de pesquisa.



# CAPÍTULO 1 DO PROJETO URBANO

“Meus íntimos me disseram, espantados de me ver deliberadamente passar por cima das contingências imediatas: ‘Você está se ocupando do ano 2000?’ Em toda parte, os jornalistas escreveram: ‘a cidade futura’. No entanto eu chamara esse trabalho “uma Cidade Contemporânea, contemporânea, pois o amanhã não pertence a ninguém.”

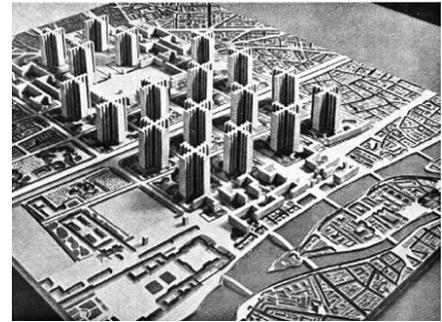
- Le Corbusier, 1924<sup>10</sup>

### 1.1. DA DEFINIÇÃO DE PROJETO URBANO

Sendo a cidade o ambiente cultural por excelência da espécie humana, é natural que surja o desejo e a necessidade de prever o seu desenvolvimento, planejá-lo e procurar resolver os problemas que porventura existam em seu território. Este processo é conhecido como projeto urbano.

Notadamente multidisciplinar, o processo de projeto urbano leva em conta não só os aspectos espaciais ligados à forma, ao traçado ou à arquitetura, mas também pontos importantes relativos ao homem e sua vida em comunidade, e ao meio ambiente natural e suas repercussões ecológicas. Este é o motivo de sua extrema complexidade e da dificuldade existente em executar o proposto de modo satisfatório, atendendo às expectativas de projetistas e usuários.

Definir precisamente este termo é tarefa de grande monta, que deve ultrapassar o conceito ingênuo do projeto



Plan Voisin de Le Corbusier para Paris.



Projeto em Ravenscraig, UK.

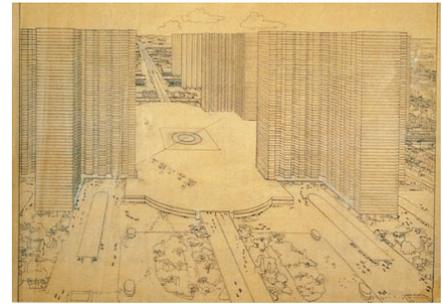
<sup>10</sup> Le Corbusier. *Urbanismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000 – p. IX

urbano como a arquitetura em grande escala. Mais que isso, Le Corbusier chama pela instauração de uma *ordem*, que norteie o desenvolvimento humano, em oposição à *desordem* natural contra a qual lutamos diariamente<sup>11</sup>, enfatizando a distinção entre o meio artificial e o natural, mas ainda esquecendo a dimensão social e política da vida em comunidade, que é lembrada por Campbell, quando diz que o projeto urbano é “A arte de dar forma à interação entre pessoas e lugares, meio ambiente e forma urbana, e natureza e construção, além de influenciar os processos que levam a vilas e cidades bem sucedidas.”<sup>12</sup>

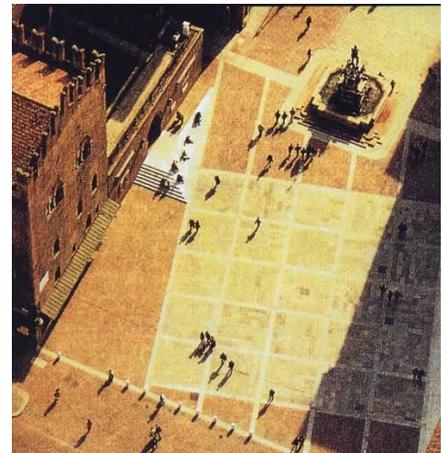
Esta definição mais abrangente está de acordo com a visão recomendada pelas autoridades inglesas de planejamento urbano em seu guia de boas práticas:

O projeto urbano concentra os vários aspectos de criação do lugar: responsabilidade ambiental, igualdade social e viabilidade econômica, por exemplo, na criação de lugares de distinta intensidade e beleza. É derivado, mas transcende aspectos relacionados, como planejamento e políticas de transporte, desenho arquitetônico, desenvolvimento econômico, paisagismo e engenharia. (...) Em resumo, projeto urbano é a criação de uma visão para uma área, e a seguir empregar os recursos e habilidades necessários para realizá-la.<sup>13</sup>

Confirma-se então o caráter multidisciplinar do projeto urbano, e, mais além, infere-se a necessidade da existência de uma parceria entre as diversas instituições



Corbusier e a ordem do Plan Voisin.



Urbanismo como visão para uma área – Inglaterra.

<sup>11</sup>Le Corbusier. *Urbanismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 15.

<sup>12</sup>Kelvin Campbell. *Finding the tools for better design*. In *Planning* 1307, Fev. 1999. Tradução. Autor.

públicas, nos vários níveis de governo, e os demais setores da sociedade, para que suas propostas sejam de fato executadas. É, portanto, uma ação com um grande cunho político, dependendo de vastas quantidades de negociação, e, pelo aspecto financeiro, quase sempre necessitando de financiamento governamental.

#### – DAS DIMENSÕES DOMINANTES

Apesar de ser um processo que engloba a colaboração de várias disciplinas do conhecimento humano, o projeto urbano pode ser dividido em três dimensões ou valores de maior vulto, onde suas ações são mais fortes e, através das quais, seus objetivos são atingidos. Segundo Ingalina<sup>14</sup>, estas são as dimensões política, econômica e formal.

- **Dimensão Política** – Inclui as relações e mudanças de caráter jurídico e institucional, englobando a situação política e a vontade dos membros eleitos para cargos públicos, bem como as diversas discussões e alterações sobre as leis que regem os aspectos do desenvolvimento urbano de uma região. Leva em conta os efeitos e ações tomadas com foco em objetivos políticos, como projetos eleitoreiros, a disputa entre os diversos níveis de governo

---

<sup>13</sup> English Partnerships. *Urban Design Compendium*. Londres: Llewelyn-Davies, 2000. p. 12.

<sup>14</sup> Patrizia Ingalina. *Le Projet Urbain*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 18.

(local, regional ou nacional), ou aquelas entre os três poderes do estado.

- **Dimensão Econômica** – Leva em consideração a cidade como um produto a ser comercializado, considerando a competição entre as diversas cidades, regiões ou até sítios, além dos pontos econômicos tradicionais, como fomento à indústria, ao comércio ou ao turismo locais, bem como os aspectos sociais e seus rebatimentos na vida dos habitantes.

- **Dimensão Formal** – Tradicionalmente mais cara aos projetistas, tem relação com a forma urbana e seu valor arquitetural e urbanístico, e a noção espacial. Funciona com base na imposição de regras de ordenamento espacial bem definidas, e parece sempre ser o aspecto mais visível das intervenções urbanas.<sup>15</sup>

Qualquer intervenção urbana deve estar bem estruturada em todos os três aspectos, de modo a atender e conciliar corretamente os interesses dos três setores em que a sociedade se divide: Governamental (incluindo a legislação), Econômico, e Social. De um projeto bem planejado, passa-se à necessidade de uma gestão eficiente, que venha a transformar as propostas iniciais em objetivos concretamente realizados, efetivamente realizando o

---

<sup>15</sup>Patrizia Ingallina. *Le Projet Urbain*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 19.

trabalho de conciliação e supervisão anteriormente mencionado.

#### – DAS ESCALAS

O projeto da cidade pode existir em vários níveis. Planejar um bairro é muito diferente do planejamento de uma macro-região urbana, e as ferramentas e processos utilizados para cada tipo de desenho devem ser adequadas às essas necessidades.

Tais diferenças geram níveis de escala que se correlacionam a processos projetuais e executivos completamente diferentes, e devem ser observadas para se alcançar os objetivos propostos no início da empreitada.

Nesse sentido, Lamas<sup>16</sup> identifica uma escala de três dimensões urbanas que deve ser observada pelos projetistas, de modo ascendente: rua, bairro, cidade. Cada nível de intervenção exigiria um ferramental diferente e proporcionaria processos e objetivos de intervenção diversos. A estas dimensões, Ingallina<sup>17</sup> adiciona uma quarta, a da região, ou aglomeração, que envolveria um pensamento supra-municipal capaz de comandar execuções em mais de uma cidade ao mesmo tempo, lidando com problemas relativos à integração e ao

---

<sup>16</sup> José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004. p. 73.

<sup>17</sup> Patrizia Ingallina. *Le Projet Urbain*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001. p. 24.

desenvolvimento de conurbações, megalópoles e macro-regiões.

Para a execução dos projetos de intervenção e desenvolvimento urbanos, essas escalas, segundo Lamas e Ingallina, traduzem-se em três níveis de planejamento, cada um atuando em diferentes esferas do governo e da sociedade, com graus diversos de flexibilidade.

Em princípio encontra-se o plano estratégico, ou, para Lamas, planificação, que abrange a escala regional, englobando diversos municípios e atores das esferas pública e privada, numa programação ou coordenação do que se pretende construir em maior ou menor escala. Esta etapa é caracterizada por um elevado grau de incerteza em suas deliberações, que produz uma flexibilidade bastante necessária para a sua adaptação às realidades de cada região onde será implantada, e tem a propriedade de ser mais um estudo de viabilidade e aglomeração de intenções do que um plano verdadeiramente executivo. Sua função é gerar e fundamentar metas e ações para seu aprofundamento nas fases seguintes, e angariar esforços e intenções para a sua posterior utilização. Equivale a um diagnóstico dos pontos fortes e fracos da região, de seus objetivos (incluindo os econômicos e sociais) e a escolha de uma estratégia pertinente para atingi-los no prazo determinado.

A escala seguinte, que Ingallina chama de projeto urbano propriamente dito, é chamada de plano por Lamas, que entende que a palavra projeto traz em seu significado uma idéia de detalhamento e execução que ainda não se fazem pertinentes. Nesta etapa ocorre a tradução das orientações de desenvolvimento econômico-social decididas no plano estratégico para suas manifestações espaciais, ou seja, sua dimensão formal, estética e funcional dentro da cidade. Leva em conta a morfologia urbana do local, e sua escala depende das resoluções da etapa anterior, da qual mantém ainda em sua concepção uma carga de incerteza e flexibilidade, porém bem menor, já que as diversas ações estão mais desenvolvidas.

Por fim ocorre a última etapa, de execução e construção, chamada por Lamas de projeto urbano propriamente dito, onde não há espaço para incertezas ou flexibilidade, sendo apenas o braço executivo de uma estratégia definida e consolidada em seus diversos ambientes. Possui uma característica de ação notadamente voltada para a esfera pública, já que a execução de intervenções no tecido urbano é prerrogativa das autoridades governamentais, mas, embora não muito usuais, podem haver parcerias com entidades privadas e empresas que executem tais trabalhos em troca de ganhos em outras áreas, como redução de impostos, por exemplo.

Assim, fica demonstrada a diferença de qualidade que há nos projetos para o ambiente urbano à medida que se troca a escala de sua concepção. Quanto mais geral e abrangente, maior será a sua flexibilidade e incerteza. Nota-se também a necessidade de se ter as etapas bem fundamentadas, pois não se pode passar para um estágio mais definido do processo, sem que este se encontre calcado em bases sólidas construídas anteriormente. Ou seja, os projetos devem estar inseridos em uma ação maior, estratégica, talvez regional, que tenha objetivos e caminhos claros, de modo a alcançar os resultados originalmente desejados.

“We need to stress the fact that cities are long-lived artifacts. Their tendency is to continue. Unattended, the artifact decays and disintegrates. But as long as there are people in residence, the city will renew itself without letup in unrehearsed *ad-hoc* procedures, or more methodically. The usual pattern is a combination of the two. – Spiro Kostov<sup>18</sup>

## 1.2. DOS MOTIVOS

Vários podem ser os motivos que levam à necessidade de se projetar a cidade. Alguns partem da necessidade urgente de reconstrução ou reformulação, enquanto que outros surgem de idéias, planos ou visões de possibilidades e oportunidades que conseguem tomar corpo e aglomerar suficiente apoio para sua realização. Mas estes, segundo vários autores, podem ser catalogados em 5 tipos:

### 1.2.1 – Fundações

A criação de novas cidades para proteger os perímetros de uma região através de sua colonização tem sido um artifício empregado há milênios por todas as civilizações expansionistas da história. Persas, Romanos, Gregos, Árabes, Portugueses, Espanhóis, Ingleses, Franceses, Americanos ou Russos, todas as potências de seus tempos construíram colônias ou cidades para fornecer proteção aos seus territórios ou suas possessões, e esses assentamentos nascem quase sempre planejados, pois necessitam de desenvolvimento rápido e ordenado.



Colônia Grega – Pérgamo na Turquia.

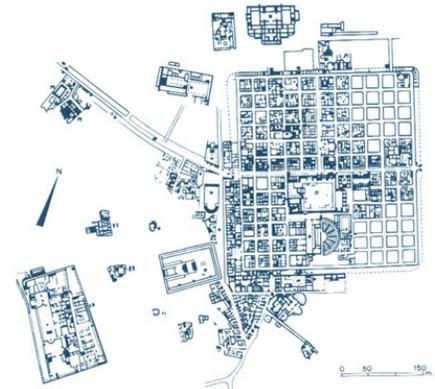


Santo Domingo em 1671 – Fundação Espanhola.

---

<sup>18</sup>Spiro Kostov. *The City Assembled*. Londres: Bulfinch, 1992. p 250.

Na antiguidade inúmeras colônias foram fundadas por gregos e romanos, os mais pródigos em criação de cidades, embora os últimos, por serem mais bélicos, as fundassem mais por proteção de seu território conquistado, como é o caso de Timgad, fundada na região onde hoje está a Argélia, pelo Imperador Trajano por volta do ano 100 DC, para abrigar veteranos do exército romano e defender o território contra as incursões dos Berberes.



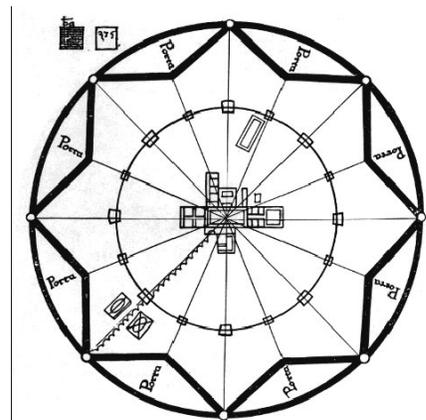
Fundação Romana - Timgad.

No renascimento era muito comum a proposta de cidades ideais, utópicas e fortificadas, projetadas para um determinado número de habitantes e destinadas à defesa e controle dos territórios vizinhos. Vários arquitetos e pensadores produziram suas versões dessa cidade, entre eles Leonardo da Vinci, Filarete, Cataneo, Lorini e Scamozzi. Algumas foram construídas como Palma Nova na Itália, em 1593 e Naarden, próxima a Amsterdam na Holanda, entre 1673 e 1685.



Decumanus Maximus em Timgad.

Já no período colonialista, a Lei das Índias fez multiplicar o número de cidades novas planejadas no Novo Mundo. Geralmente seguindo o desenho de quadras ortogonais, que era incentivado pela lei, cidades como Santo Domingo, Havana, Lima, Santiago do Chile, Caracas, Buenos Aires, pelo lado Espanhol, ou mesmo Salvador e Rio de Janeiro no lado português, e ainda



Sforzinda – Cidade ideal de Filarete, 1457-1464.

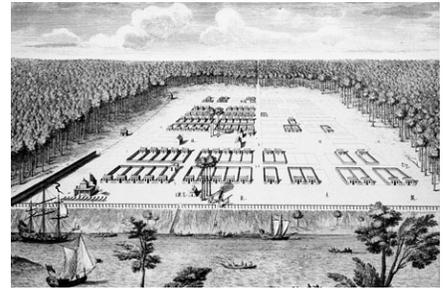
Filadélfia, Savannah, e mais tarde Washington. nos Estados Unidos.

Em tempos modernos, cidades planejadas ainda são fundadas por todo o mundo, como Brasília ou Palmas no Brasil e Chandigarh na Índia.

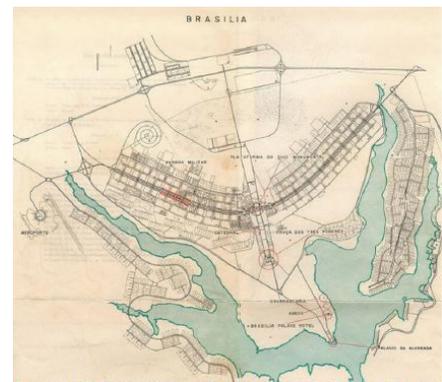
### 1.2.2 – Ampliações

Com o crescimento das cidades, seu território passa a ser pequeno para acomodar todos os seus habitantes e atividades que se realizam, o que força a expansão do perímetro urbano. Ainda que quase sempre esta conquista de novos territórios seja feita de modo desordenado, algumas vezes esses esforços são planejados em propostas estudadas e executadas por ordem dos governos locais.

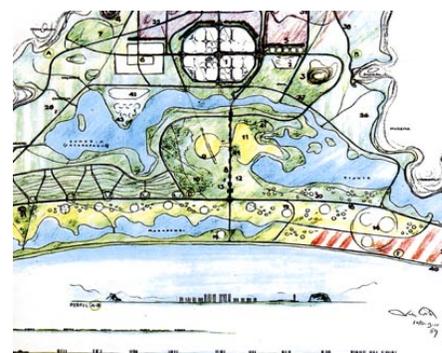
O caso mais famoso é o da expansão de Barcelona em 1863, projetado pelo catalão Ildefons Cerda. Outros exemplos incluem o plano para a Barra da Tijuca no Rio de Janeiro por Lúcio Costa em 1969, e ainda o distrito EUR (Esposizione Universale Roma), construído por Benito Mussolini para abrigar a exposição de 1942, que nunca se realizou devido à guerra. Há ainda o caso da expansão de Nova York com o *Commissioner's Plan* de 1811 que criava o padrão de avenidas e ruas ortogonais hoje existente na cidade.



Savannah em 1734.



Brasília – Plano piloto.



Barra da Tijuca – Lucio Costa.

Expansões são um dos casos de projeto urbano mais comuns, com inúmeras ocorrências, principalmente nos séculos XIX e XX. São também os de mais fácil implementação, pois lidam com terrenos praticamente não edificadas e geram uma boa visibilidade econômica e política.

### 1.2.3 – Reformas e Reestruturações

Certamente este é o motivo mais usual para a execução de um projeto urbano, pois sempre há a necessidade de melhorar ou substituir o que está construído, já que as atividades mudam e as autoridades se alternam no poder, cada uma tentando deixar a sua marca na cidade.

As reformas podem surgir por dois grandes motivos: primeiro pela obsolescência do existente e a vontade da sua adequação aos novos usos ou tempos; em seguida vêm as mudanças estruturais na sociedade, onde um novo governo ou uma nova situação social ou econômica resolve transformar as marcas do sistema antigo reformando o ambiente urbano.

O primeiro caso é sem dúvida o mais numeroso, visto que reformar e adaptar as cidades para acomodar seu desenvolvimento é prática comum desde o início da história humana. Já em Roma vários imperadores executaram projetos de construção urbana, como os *fori* de



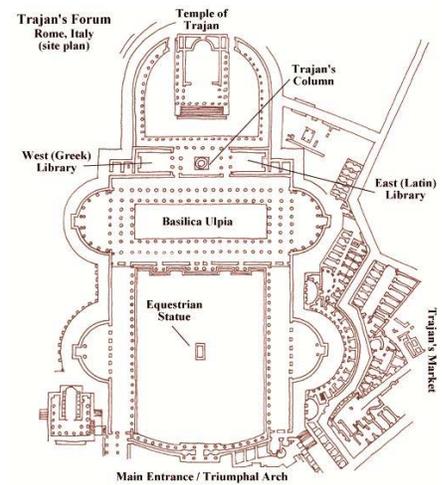
Commissioner's Plan – New York.

Augusto (2 AC), Nerva (97 DC) e Trajano (112 DC), que pretendiam remodelar o centro de comércio e poder político e religioso do império. No período do renascimento, são notáveis as intervenções de Michelangelo no *Campidoglio* em 1536 e de Bernini na *Piazza di San Pietro* (1667), com sua *colonnata* elíptica.

Outras intervenções incluem os projetos de Haussmann em Paris a partir de sua contratação por Napoleão III em 1853, que refizeram o tecido urbano da cidade, e as ações do Prefeito Pereira Passos no Rio de Janeiro, notadamente nas regiões do porto e das avenidas Central e do Mangue no início do século XX.

O segundo caso tem a ver com a mudança da situação política, social ou econômica de uma região, que leva à necessidade de se refazer porções da cidade para adequá-la às novas condições ou justamente para mostrar a superioridade da nova ordem sobre a anterior.

Este parece ter sido o caso de Julio César em Roma, quando construiu o Fórum de César (46 AC). Sua recente conquista na centralização do poder romano, e sua nomeação como *Praetor Maximus*, ditador supremo, sinalizou a transformação da Roma republicana para a Roma imperial, o que demandava uma atualização no antigo Fórum Republicano, o centro político, social e religioso do império. Sua construção simbolizava seu



Roma – Fórum de Trajano, 112 DC.



Piazza di San Pietro - Bernini.

poder absoluto, sua descendência de Vênus e sua distinção dos antigos costumes republicanos.

Ainda em Roma, mas em tempos mais modernos, a *Via della Conciliazione*, projetada em 1936 por Marcello Piacentini e Attilio Spaccarelli e inaugurada no Jubileu de 1950, marca a assinatura do Tratado de Laterano, que firmava o reconhecimento do Estado da Cidade do Vaticano pela Itália e lhe garantia soberania e independência. Seu traçado conecta em linha reta a *Piazza di San Pietro* com o coração de Roma, simbolizando assim a mútua aceitação dos estados e o reconhecimento do fim das animosidades existentes desde a unificação italiana em 1870.

#### 1.2.4 – Catástrofes e Reconstruções

O tecido construído urbano pode sucumbir em pouco tempo devido a catástrofes naturais ou destruições provocadas por acidentes ou guerras. Em ambos os casos os incidentes transformam-se em oportunidade valiosa para reformulação e reconstrução, dando margem a enormes projetos de reedificação, que visam corrigir os problemas existentes na cidade antes de sua destruição.

Desastres naturais são causa de grande devastação. Terremotos e maremotos tornaram-se marcos históricos, cujos eventos são ainda hoje lembrados por seu estrago nas cidades atingidas e pelo número de vidas que



Abertura da Via della Conciliazione, 1937.

custaram. Mas com o fim da destruição, logo começa um processo reconstrutivo de grande importância, quase sempre fomentado por um poder governamental, com certa unidade, e às vezes com projetos elaborados que visam tomar partido da oportunidade que o desastre fornece.

O grande terremoto de Lisboa em 1755 foi um desses eventos. Atingindo a cidade com força estimada em pouco menos de 9 graus na escala Richter, seguido de um *tsunami* e de incêndios de grandes proporções, o tremor matou cerca de 90.000 das 275.000 pessoas que habitavam a capital, destruindo praticamente toda cidade, especialmente as áreas mais baixas<sup>19</sup>. Imediatamente após a reorganização dos sistemas de governo locais, começou um gigantesco processo de reconstrução, capitaneado pelo Marquês de Pombal, Sebastião de Melo, então Primeiro Ministro do Rei D. José I, que mudaria drasticamente a face da cidade, criando ruas mais largas e construindo os primeiros edifícios a prova de terremotos de que se tem notícia. A região da cidade baixa, reconstruída, hoje é conhecida como *Baixa Pombalina* em homenagem aos esforços do Marquês.

Além dos desastres naturais estão as calamidades provocadas pelo homem, principalmente os incêndios, que



Gravura mostrando o grande terremoto de Lisboa em 1755.



Baixa Pombalina em foto no início do século XX.



Pintura de Roma em chamas – 64 DC.

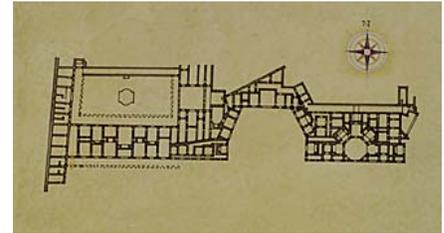
<sup>19</sup> Spiro Kostov. *The City Assembled*. Londres: Bulfinch, 1992. p 248.

têm potencial para devastar grandes partes dos ambientes urbanos, especialmente nas cidades onde as construções são em sua maioria de madeira.

Talvez o incêndio mais conhecido seja o de Roma, acontecido sob o Reinado de Nero no ano de 64 DC. Apesar dos rumores de que o Imperador o tivesse iniciado, hoje considerados boatos, o fogo consumiu dois terços da cidade, e durou seis dias antes de ser controlado, para logo a seguir tomar força novamente e queimar por mais três dias até sua completa extinção.

Houve grande número de fatalidades, mas a cidade se recuperou. Nero instituiu códigos de segurança edilícia e prevenção de incêndios, e, sobre grande parte da área devastada, construiu seu palácio, a *Domus Aurea*, uma série gigante de edifícios e pátios que cobriam toda a região do *Aventino*.

Outro grande incêndio de elevada importância foi o de 1666 em Londres, que destruiu boa parte da cidade, queimando em 4 dias algo em torno de 13.000 edificações, deixando a capital inglesa em ruínas, e desalojando mais de 100.000 pessoas, um sexto de seus habitantes<sup>20</sup>. Embora o número de mortos seja tradicionalmente considerado pequeno, a devastação urbana foi tão grande que a cidade entrou em falência e demorou mais de uma



Planta da *Domus Aurea* de Nero.



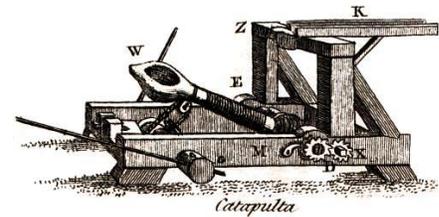
Pintura do Grande Incêndio de Londres em 1666.



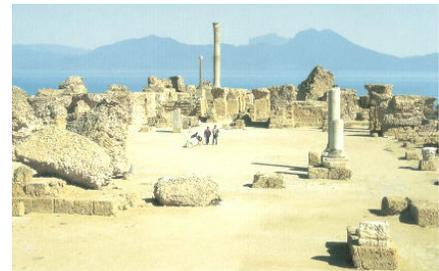
Plano de C. Wren para reconstrução de Londres.

década para poder se reconstruir. Projetos foram feitos para a recuperação da cidade, principalmente por Christopher Wren, mas não foram executados em sua maioria, pois o governo local não tinha meios econômicos de fomentar a reconstrução em um curto prazo. Por fim, após algumas décadas, a cidade se reergueu e o traçado original das ruas foi mais ou menos mantido, sendo os espaços apenas alargados e retificados na medida do possível.

Outro fator que pode causar enorme devastação em uma cidade é a guerra. Nos tempos antigos as cidades eram fortalezas e, quando sitiadas, eram alvejadas constantemente com pedras, as vezes incendiárias, lançadas por catapultas, *trebuchets*, e outros aparelhos similares, ou por tiros de artilharia. Estes dispositivos causavam grandes danos nos edifícios e infra-estrutura urbana, mas nada se compara à destruição gerada pela demolição sistemática de cidades inimigas conquistadas. Conhecida por *Damnatio Memoriae*, era prática muito comum aos romanos, e consistia em, após ter sitiado e vencido a batalha, e capturado a cidade, passar a uma ação de vingança e demonstração de poder, eliminando quaisquer vestígios da existência do assentamento, demolindo todo edifício existente.



Projeto medieval de uma catapulta.



Ruínas de Cartago, Tunísia.

---

<sup>20</sup> Spiro Kostov. *The City Assembled*. Londres: Bulfinch, 1992 p. 244.

Este foi o destino de Cartago, no norte da África, após sua derrota na 3ª guerra púnica por volta de 146 AC. O exército romano matou ou escravizou os cartagineses, e demoliu a cidade, fato que, segundo constam os registros, levou meses, dado o tamanho do seu ambiente urbano, com medo de que a os habitantes pegassem em armas mais uma vez contra o poderio de Roma no Mediterrâneo. Por fim, salgaram o terreno e o dedicaram aos deuses infernais, segundo conta o historiador grego Políbio em sua obra *Historias*.

Cartago não foi reconstruída, servindo apenas de exemplo para este tópico, mas há relatos de cidades que o foram, como Lídice na República Checa, que foi totalmente dizimada pelos Nazistas durante a II Guerra, em resposta a uma revolta que conseguiu assassinar o governador alemão da região em 1942. O mesmo ocorreu em partes de Varsóvia, na Polônia onde poucas ruas sobraram intactas. Bairros inteiros foram ao chão para dar um exemplo sinistro às populações dominadas pelo regime nacional socialista. Com o fim da guerra e a queda da Polônia em mãos soviéticas, começou um processo de reconstrução de grande vulto, mas as marcas da agressão ainda são visíveis pela cidade.

Outro fator de influência no tecido urbano ligado às guerras é o bombardeio, a destruição civil que foi



Lídice, Rep. Checa, destruída pelos nazistas em 1942.



Varsóvia, Polônia, depois da II Guerra.

apresentada ao mundo junto com o conceito de guerra total (*Totaler Krieg*) desenvolvido pelos alemães durante a II Guerra. Com ataques direcionados a alvos civis, que visavam provocar o pânico e desarticular as linhas de suprimento e comando do país alvo, partes enormes das cidades eram destruídas, como ocorreu em Londres em 1940, sob um pesado ataque da *Luftwaffe*, que gerou um incêndio conhecido como o Segundo Grande Incêndio de Londres.

Com a virada dos combates e a retirada nazista, a Alemanha passou a sofrer com os bombardeios aliados, dizimando grandes partes de suas maiores cidades, e causando uma devastação sem precedentes na capital Berlim. Ao fim da guerra, havia uma linha de destruição que se estendia da Inglaterra à Moscou, composta de cidades arrasadas e desestruturadas, que tiveram que ser reconstruídas à duras penas ao longo dos anos seguintes.

#### 1.2.5 – Festas e Eventos

A última grande categoria de motivos ou estímulos à realização de projetos sobre a cidade é a sua associação a festas ou eventos de grande atração de público, com elevada cobertura da mídia, e a possibilidade de uma união de forças das várias esferas do governo e da sociedade em prol de um objetivo com prazo fixo para inauguração.



Londres (St. Paul) em chamas devido aos bombardeios.



Londres após bombardeio em 1942.



Berlim após a II Guerra.

Conhecido hoje em dia por *festivalização*, este será o tema discutido em maior profundidade no Capítulo 2 deste trabalho, e utilizado mais adiante nos estudos de caso. Por hora bastam alguns exemplos, como as reformas de Sixto IV em Roma para o grande Jubileu de 1500, ou a construção da Torre Eiffel e a reforma do Champ de Mars para a exposição universal de Paris do centenário da revolução francesa em 1889.



Festivalização – Esposição Universal em Paris, 1889.



## CAPÍTULO 2 DA FESTIVALIZAÇÃO

“Na verdade o que está em discussão é a idéia, através de manifestações e instalações efêmeras, de um futuro melhor e diverso.” – Marco Venturi – 1994<sup>21</sup>

## 2.1. DOS GRANDES EVENTOS

As transformações econômicas e sociais que ocorreram no final do século XX, levaram a uma mudança não só nas relações entre as cidades, mas também no modo como estas e as nações procuram desenvolver suas potencialidades em busca de crescimento e projeção.

A competição entre locais não é mais uma questão restrita ao âmbito nacional ou regional, e com o advento da globalização generalizada das relações sociais e econômicas, o terreno em que se compete é internacional, existindo hierarquias de cidades que se enfrentam para melhorar a sua atratividade e visibilidade em escala mundial.

Neste sentido, entre os vários instrumentos de desenvolvimento utilizados, um dos mais freqüentes é o “Grande Evento, o qual se entende, conforme Ehrenberg, como “Um projeto normalmente de importância internacional, cuja preparação demanda um certo número

---

<sup>21</sup> Marco Venturi. *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994, p. 11.

de anos para a nação ou cidade interessada”<sup>22</sup>, ou, segundo Venturi, como “projetos ou ações baseados em grandes afluxos ou aglomerações de público, desenvolvidos a partir de ocasiões bastante diversas, mas com algumas características em comum, entre as quais a mais relevante parece ser a tentativa de conduzir a uma unidade, e resolver de um só golpe uma multiplicidade de problemas da cidade, que de outra forma não seriam enfrentados singularmente.”<sup>23</sup> A duração do evento em si não é de tanta importância, podendo ser de alguns meses, semanas ou até poucos dias.

Exemplos de grandes eventos podem ser os Jogos Olímpicos, as Copas do Mundo de Futebol, as Exposições Internacionais, os Jubileus da Igreja ou qualquer outro acontecimento que porte um certo grau de visibilidade e possa fomentar o desenvolvimento estrutural de uma cidade ou nação que o hospeda.

Este fenômeno, batizado pelos sociólogos Häussermann e Siebel de Festivalização<sup>24</sup>, encontra-se na crista da onda desde aproximadamente o início dos anos 80, mas suas origens são bastante antigas, e, Venturi afirma que já se pode falar de uma tendência histórica,



Grande Evento – Copa do Mundo.



Roma – Jubileu do ano 1300, Giovanni Sercambi.

<sup>22</sup> Ehrenberg, E. Kruse, W. *Soziale Stadtentwicklung durch grosse Projekte?*, LIT, Münster, 2000, p. 15. op. cit. FRANCO, Simona, *Trasformare una città – Tese Universidade de Torino - 2002*

<sup>23</sup> Marco Venturi. *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994, p. 7.

<sup>24</sup> *Festivalisierung der Stadtpolitik: Stadtentwicklung durch große Projekte*, LEVIATHAN special issue 13, Opladen: Westdeutscher Verlag. pp. 7-31.

iniciada com as Expos europeias do século XIX, sendo que já na primeira Exposição Nacional da Indústria, (Exposition Publique des Produits de l'Industrie Française) realizada no Campo de Marte, em Paris, em 1798, vemos elementos de semelhança com suas similares posteriores e contemporâneas.<sup>25</sup> Mais além, este autor chega a identificar a existência de ciclos de valorização e importância dos grandes eventos, identificando brevemente três fases:

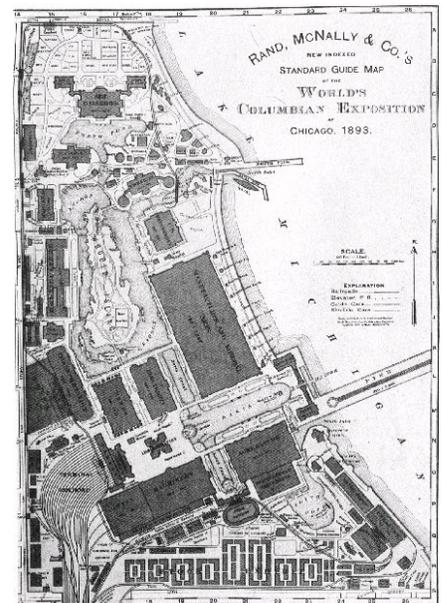
A Primeira, mais ativa na 2ª metade do século XIX, com as feiras industriais europeias, seguidas das similares americanas; Uma fase secundária existente no processo pós crise de 1929, liderada pelas iniciativas americanas, que chega mais tarde também ao velho mundo; E por fim uma fase contemporânea, com início pela década de 1980, que se estende até os dias de hoje, e é propriamente o objeto desta pesquisa.<sup>26</sup>

## 2.2. DA FESTIVALIZAÇÃO E DO PROJETO URBANO

Usualmente os grandes planos de intervenção urbana executados em um período de tempo extremamente curto são sintomas de uma reestruturação política ou econômica



Exposição Universal em Paris, 1900.



Mapa da Exposição Universal de Chicago, 1893.

<sup>25</sup> Arthur Chandler. *The First Exposition: L'Exposition publique des produits de l'industrie française, Paris, 1789*, in: *World's Fair 10.1* (January/February/March 1990), pp. 7-10.

<sup>26</sup> Marco Venturi. *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Venezia: Il Cardo, 1994, p. 8.

da sociedade, que gera a possibilidade, necessidade ou vontade de realização de empreendimentos de grande vulto, que a comunidade local, em sua marcha tradicional, não ousaria ou não conseguiria empreender. Venturi assinala que essas grandes intervenções urbanas ou construtivas foram utilizadas por toda a história moderna como alavancas em sociedades em crise social, política ou econômica, como forma de reforço ou estabelecimento de um (novo) poder (econômico ou político) e garantir à população o caráter atuante e presente do estado ou da economia.<sup>27</sup>

Tsiomis explora essa relação entre projeto urbano e crise quando diz que a cidade sempre esteve tanto em crise como em mutação, e nos lembra Aristóteles: “Crise e mutação são situações paralelas, e não emaranhadas.”<sup>28</sup>

Se em situações de crise profunda o caráter imediato da intervenção torna possível uma passagem acelerada da discussão à ação (quando, por vezes, não abrevia a primeira etapa a uma mera formalidade), como devem proceder as cidades do mundo contemporâneo onde a democracia é consolidada, e seus sistemas políticos e econômicos são fortes e estáveis?

---

<sup>27</sup> Marco Venturi. *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994. p. 8.

<sup>28</sup> Yannis Tsiomis. *O Projeto Urbano Hoje: entre situações e tensões*, in *Urbanismo em Questão* 1ª Ed. Rio de Janeiro: PROURB, 2003, p. 290.

O mesmo Tsiomis recorda que o projeto urbano não é uma ferramenta pacificadora de estratégias contraditórias dos atores que agem na cidade, mas frequentemente é o resultado de alianças precárias entre eles, pois “sua função de mediador é mais forte que sua função de desafio”.<sup>29</sup> Mais além, lembra-nos que o urbanismo contemporâneo é, em si, um “urbanismo de articulação dos agentes econômicos e financeiros, um urbanismo de coordenação das ações públicas e privadas.”<sup>30</sup>

Parece, porém, indevido nos dias de hoje reduzir o problema a meros aspectos financeiros, o que demanda a adição dos agentes sociais, dos representantes dos habitantes e usuários da cidade, como prevê Portas:

O Projeto Urbano, que quase sempre resulta do sentido da oportunidade, também pode resultar do oportunismo, que em geral não é só do prefeito, mas o é também das forças da sociedade.<sup>31</sup>

A solução para este problema de fragmentação de interesses dos atores, segundo Venturi, tem sido a Festivalização das grandes intervenções, “como uma busca de um catalisador que permita o especial, o inatingível, o transgressivo.”<sup>32</sup>

---

<sup>29</sup> Yannis Tsiomis. *O Projeto Urbano Hoje: entre situações e tensões*, in *Urbanismo em Questão* 1ª Ed. Rio de Janeiro: PROURB, 2003, p. 284.

<sup>30</sup> Yannis Tsiomis. *Projeto Urbano, Embelezamento e reconquista da cidade*, in *Cidade e Imaginação*, 1ª Ed. Rio de Janeiro: PROURB, 1996, p. 26.

<sup>31</sup> Nuno Portas. *Urbanismo e Sociedade: Construindo o futuro*, in *Cidade e Imaginação* 1ª Ed. Rio de Janeiro: PROURB, 1996, p. 37.

<sup>32</sup> Marco Venturi. *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Venezia: Il Cardo, 1994, p. 9.

### 2.3. DA FESTIVALIZAÇÃO E DA IMAGEM DA CIDADE

Por Festivalização entende-se a estratégia de atrelar o projeto urbano a um grande evento – uma festividade ou comemoração histórica ou cultural, ou um encontro esportivo de grande porte, como os Jogos Olímpicos – de modo a colocar um prazo certo para o fim dos trabalhos e aproveitar a ocasião para “vender” a cidade “reformada”, com seus novos equipamentos ou sua nova identidade, para os visitantes e para os investidores externos.

A venda do produto-cidade é um objetivo chave cada vez mais presente nas intervenções urbanas contemporâneas, e, conforme sublinha Venturi, esta venda é difícil, por causa da concorrência entre as cidades para defender ou conquistar seu próprio papel ou nicho: uma urbe apenas bem administrada arrisca-se a parecer um lugar onde nada acontece: é preciso inovar.<sup>33</sup>

Walter Siebel, sociólogo urbano, exprime o efeito da festivalização em uma parábola: “Se um prefeito, preocupado em divertir seus cidadãos, contratasse um palhaço para se exhibir todos os dias na praça para as crianças e transeuntes, em pouco tempo iria de encontro à

---

<sup>33</sup> Marco Venturi. *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994, p. 9.

monotonia e à irritação. Enquanto que se um outro prefeito, com o mesmo dinheiro, chamasse 365 palhaços para um festival de um único dia, teria toda a atenção da mídia (e talvez tivesse criado um indutor para equipamentos de entretenimento).<sup>34</sup>”

Mas a cidade não se vende apenas no exterior. É necessário antes de tudo “vendê-la” aos seus próprios cidadãos, levando-os a identificar-se com ela, a sentir-se parte de uma mesma comunidade com uma identidade definida. Este objetivo é dificultado pelos anseios e desejos dos diferentes grupos políticos e sociais que habitam a cidade, pois as necessidades de cada um são diferentes daquelas dos demais. Chegar a um denominador comum entre todos os habitantes é tarefa cada vez mais árdua.

Um dos diretores do Comitê Olímpico dos Jogos de Atenas 2004, Yannis Pyrgiotis, relaciona a venda da cidade aos seus próprios cidadãos com a sustentabilidade das intervenções após a realização do evento, dizendo que há um único pré-requisito para que esta projeção urbana em direção ao futuro tenha resultados satisfatórios: consciência local, que explica como a capacidade da sociedade de estar consciente e preparada para a mudança

---

<sup>34</sup> Marco Venturi. *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994, pp. 9-10.

que está por vir. Para manter essa consciência, ele cita os cinco I's:<sup>35</sup>

- *Identidade* – A população da cidade deve se identificar e convergir em torno de uma série de características que a singularizem.

- *Imagem* – Projeção da cidade para o seu exterior. Como a identidade previamente escolhida deve ser vendida para seus habitantes e seu público-alvo.

- *Inovação* – Projeção em relação ao futuro. Relaciona-se às novas idéias oferecidas pelo projeto para solução dos problemas urbanos existentes.

- *Iniciativa* – Movimento em direção às mudanças. Respaldo da sociedade, seja popular, econômico ou político, para a efetiva realização das inovações pretendidas.

- *Infra-estrutura* – Condições para o crescimento. Capacidade de absorção das novas demandas e usos que serão geradas quando da execução do projeto.

Estes pontos, segundo o autor, devem existir inicialmente na cidade e em seus habitantes, para que o projeto possa ser posto em marcha. Caso algum deles não exista, ou não possua a força ou a forma desejadas, deve ser criado alimentado até que cheguem ao ponto desejado.

---

<sup>35</sup> Yannis Pyrgiotis. *Athens: The Games in the XXIst Century*. in IOC, *Olympic Games and Architecture: The Future for Host Cities*. Lausanne: IOC, 2001. pp. 26-27.

Uma falha em qualquer desses pontos levará, invariavelmente, a um processo problemático, com resultados aquém do esperado, e, em casos extremos, à impossibilidade de execução do evento planejado.

Há ainda o fator da propaganda política, que possui grande peso. Investimentos na luta contra o desemprego, melhorias ambientais, serviços sociais são dispendiosos e geram resultados pouco evidentes, de observação à longo prazo. Grandes eventos produzem uma boa visibilidade através da mídia e podem render dividendos políticos rapidamente, possibilitando a identificação do interesse individual com o interesse “geral” (ou, de certo modo, coletivo).

Assim sendo, os grandes projetos passam a não ser mais apenas uma parte de um plano ou estratégia com vias de se obter algum objetivo final. Tornam-se também, eles mesmos, objetivos estratégicos de alta importância, conforme afirma Venturi, que questiona, a seguir, se este fato torna difícil um debate sobre a eficácia da política da Festivalização,<sup>36</sup> uma vez que o cálculo de seu custo-benefício se torna por demais complicado, se não inútil, pois possui pontos em jogo não quantificáveis, quase imateriais, que devem ser pesados junto com aspectos como a criação de postos de trabalho (qualificados,

temporários ou não, etc.), elevação dos preços dos imóveis na região, e até o custo de manutenção da infra-estrutura recém construída.

Selle sugere um modo de medir se o evento, e o projeto que o acompanha, servirá como instrumento para o desenvolvimento urbano aplicando duas perguntas: Se o evento é compatível com a cidade onde analisa os benefícios e a prioridade do projeto, e a soberania que a cidade terá para planejá-lo e executá-lo); Quais características estão sendo aplicadas no projeto – quando pesquisa se há uma referência específica ao local de projeto, se os processos utilizados são abertos e revisáveis e se há cooperação entre as diversas esferas da sociedade (mercado, estado, economia privada, etc.).<sup>37</sup>

Finalmente, há autores, como o próprio Venturi, que afirmam que a Festivalização, pelo seu caráter de velocidade de projeto e implantação, possui eficácia comprovada apenas na aceleração e ampliação de processos já em curso (como no caso de Barcelona), não na inversão de tendências de uma área ou na invenção do novo. Para inventar o novo, faltariam condições

---

<sup>36</sup> Marco Venturi. *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994, p. 10.

<sup>37</sup> Klaus Selle. *Una grande manifestazione come strumento per lo sviluppo urbano*, in *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994, p. 99.

econômicas e políticas extraordinárias, que geralmente só se apresentam em momentos de elevada crise.<sup>38</sup>

Em um ponto, porém, a maioria dos autores parece convergir: os Grandes Eventos proporcionam um espaço de mediação entre as forças do Estado, Mercado e Sociedade Civil, que devem trabalhar e resolver suas diferenças em um intervalo de tempo bastante curto, pois os objetivos devem estar alcançados a tempo para a realização do evento em si, que pode então deixar de ser o fim da intervenção, para se tornar um meio, o catalisador de ações que levem às pretendidas melhorias urbanas.

---

<sup>38</sup> Marco Venturi. *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994, p. 11.



### CAPÍTULO 3

### DOS ESTUDOS DE CASO

“Il progetto olímpico, posteriore, è servito come catalizzatore e come acceleratore di tutto il processo, moltiplicando le iniziative e soprattutto ponendosi quale punto fermo indispensabile per il coordinamento di tale processo.”

– Amador Ferrer – 1994<sup>39</sup>

### 3.1. DA INTRODUÇÃO

Para a escolha dos casos a serem estudados, tomou-se o cuidado de tentar criar um recorte que os aproximasse e tornasse a pesquisa bastante objetiva. Para tanto optou-se por escolher cidades com características semelhantes entre si e com intervenções realizadas em um período de tempo próximo, de modo a criar condições propícias de comparação e análise dos dados.

Inicialmente foi escolhido como tema a gestão da reestruturação de áreas portuárias degradadas, pela utilidade de seu estudo para aplicação na cidade do Rio de Janeiro, sendo a zona portuária carioca uma das áreas de prioridade de revitalização da prefeitura carioca.

Estudar a gestão e o planejamento destes eventos proporciona um enfoque ainda relativamente pouco estudado das intervenções urbanas ligadas a festividades e revela um ponto de vista bastante diferente daquele normalmente apreciado pelos arquitetos e urbanistas.

---

<sup>39</sup>Amador Ferrer. *Barcellona 1992*, in Marco Venturi, *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994, p. 142.

Por ser um grande paradigma deste tipo de intervenção, a cidade de Barcelona foi escolhida como um dos casos, com o projeto do seu plano estratégico e dos Jogos Olímpicos de 1992, que revitalizou a costa bastante degradada da cidade, virando-a novamente para o mar.

Ainda no ano de 1992, ocorreram mais duas intervenções em áreas portuárias com o auxílio de grandes eventos: uma em Sevilha, com a Exposição Universal em comemoração aos 500 anos de descobrimento da América por Cristóvão Colombo, e outra em Gênova, pelo mesmo motivo (Colombo seria Genovês).

Interessante notar que os três projetos apresentam características distintas entre si, de estratégia, planejamento, gestão e execução, desenvolvendo resultados díspares após a realização de seus respectivos eventos, fornecendo casos de sucesso e fracasso já reconhecidos mundialmente.

Vale ressaltar que a distância temporal que hoje se estende entre o acontecimento e esta pesquisa (já quase 15 anos) facilita e muito a observação e a análise dos fatos ocorridos, e contribui para um melhor entendimento dos processos estudados, e fornece a possibilidade de comparação de seus rebatimentos posteriores.

### 3.2. DA METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para proceder a uma análise estruturada dos casos de estudo, escolheu-se traçar primeiramente um quadro de cada cidade, onde seriam expostos os elementos de formação, desenvolvimento e destinação aos quais seus projetos foram submetidos, avaliando, sempre que possível, números e cifras disponíveis.

O enfoque principal deste estudo está nas estratégias de planejamento e gestão das intervenções e eventos realizadas em cada caso. Evita-se fazer qualquer tipo de juízo de valor sobre os aspectos morfológicos, formais ou estéticos das estruturas e projetos construídos para cada empreitada, de modo a favorecer o aprimoramento do foco nos processos administrativos e estratégicos que geriram as intervenções e proporcionaram sua realização.

Ao fim das análises individuais de cada caso, será composto um quadro comparativo onde estarão resumidos os fatores mais importantes, que influíram diretamente no resultado obtido pelos respectivos comitês organizadores. Junto a esses, existirão informações sobre os desdobramentos gerados após o término das festividades, bem como sua influência na vida e economia da cidade-sede até os dias de hoje.

O quadro conta, sempre que possível, com informações padronizadas para os três casos, e pretende

mostrar de um modo direto e facilmente comparativo, a dimensão de cada projeto e as diferenças dos meios administrativos, econômicos e políticos empregados nas suas execuções.

Da análise deste quadro surgem as conclusões da presente pesquisa, contidas em seu capítulo final.

### 3.3. DOS ESTUDOS DE CASO

#### 3.3.1. DE BARCELONA

##### A) DA CIDADE NO LUGAR E NO TEMPO

Barcelona é uma cidade na parte nordeste da península ibérica cujo território se caracteriza por uma planície com aproximadamente 5 km de largura, limitada pela serra do Collserola, o Mar Mediterrâneo, e os rios Llobregat ao sul e Besòs ao norte. Nela ocorrem algumas pequenas elevações, colinas, que possuem importância espacial, sendo o *Monjuïc* a mais importante, pela sua localização central, onde existiu um castelo defensivo, e que serviu de cenário para a maioria dos eventos esportivos dos Jogos Olímpicos de 1992.

Fundada, segundo as lendas, por Hércules, 400 anos antes de Roma, ou pelo Cartaginês Amílcar Barca, pai de Haníbal, no 3º século AC, a cidade caiu rapidamente sob domínio Romano, sendo conquistada a seguir pelos Visigodos no séc. V, os Mouros no séc. VII, e reconquistada em 801 pelo filho de Carlos Magno, Luís. Sede do Reino de Aragão, Barcelona tornou-se parte da Espanha com o casamento dos Reis católicos Fernando e Isabel de Castela.

Economicamente, por ser um excelente porto, rapidamente adquiriu importância comercial, sendo uma



Catalunha em relação à Espanha e Europa.



Localização de Barcelona.

das primeiras cidades européias do continente a sofrer um processo de industrialização massivo já no final do século XVIII, atraindo grande quantidade de pessoas, chegando a ter em 1990 aproximadamente 1,6 milhões de habitantes.

A cidade compreendia um pequeno núcleo fortificado próximo ao mar, densamente povoado e com tecido urbano medieval, até 1859, quando o famoso *ensanche* de Ildefons Cerdà estendeu seus domínios e ocupou toda a planície com um traçado geométrico peculiar, que é hoje a característica principal do seu desenho urbano.



Núcleo fortificado original..

## B) DOS ANTECEDENTES

Apesar de continuar sendo a locomotiva industrial da Espanha, Barcelona sofreu um enorme declínio na sua produção industrial a partir da década de 70. Efeitos da globalização, das mudanças dos mercados mundiais, e da tendência natural à guinada em direção ao setor terciário que afetaram tantas cidades industriais fizeram com que toda a infra-estrutura manufatureira construída na região portuária se tornasse obsoleta, e fosse desativada paulatinamente.



Plan Cerda - 1859.

A capital catalã não possuía um acesso direto ao mar, visto que sua costa era tomada por postos, protegidos

por linhas de acesso rodoviárias e ferroviárias, e baterias de armazéns e galpões industriais que separavam o núcleo habitacional das águas. Esta região, agora decadente, passou a se caracterizar pelo abandono, ociosidade, poluição e maus usos, atraindo criminosos e degradando o ambiente urbano.

Com a estagnação econômica, a cidade começou a perder seu potencial atrativo, levando a uma diminuição no número de habitantes, de seu máximo de quase 1,8 milhões na década de 1970, para pouco mais de 1,6 milhões de pessoas às vésperas de 1990. Mais além, a cidade havia acabado de se libertar da opressão do regime centralista de Francisco Franco, com sua morte em 1975, e, após anos de silêncio em prol de uma unidade espanhola, ansiava voltar a ser o centro cultural catalão que uma vez fora.

Barcelona desejava mudar sua identidade, e divulgá-la para seus habitantes e o mundo. De uma cidade industrial e oprimida pelo governo central espanhol, para a orgulhosa capital de sua nação catalã. Um centro de cultura, de entretenimento, de turismo, de inovações, de divulgação econômica, política e social, devolvendo-a ao seu lugar de destaque como uma das aglomerações urbanas mais importantes, modernas e dinâmicas da Europa e do mundo.



Imigração e estagnação na favela de Somorrostro na década de 60.



Cartaz de campanha contra a estagnação industrial. 1979.

### C) DO PROJETO

Barcelona não produziu apenas um projeto de reforma ou reestruturação urbana, mas sim um plano estratégico completo, tão abrangente que se tornou um paradigma copiado e citado em todo o mundo.

Interessante é notar o caráter multi-participativo do plano barcelonês, que foi baseado em uma parceria público-privada, estruturada através de uma Associação sem fins lucrativos que, tendo como promotora a prefeitura da cidade, possuía como membros a Câmara de Comércio, a Associação da Indústria e Navegação, A agência nacional de desenvolvimento do trabalho, a Autoridade Portuária Autônoma, A União Geral dos Trabalhadores e até as universidades da cidade.<sup>40</sup> Desse modo, conseguia-se unir, sob o comando da prefeitura, todas as esferas do poder governamental, do municipal ao federal, bem como a iniciativa privada, as indústrias e os trabalhadores, criando um ambiente propício para as discussões à respeito do futuro de todos.

Para dirigir o plano foi instituído um Conselho Geral, assistido de um Comitê Executivo, e de numerosas Comissões Técnicas para os diferentes temas. Participação de todos os segmentos era garantida em cada órgão



Protestos de habitantes por melhores condições urbanas em 1975.



Protestos anti franquistas em 1976.

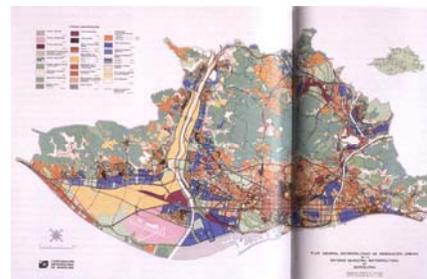
<sup>40</sup> Centre De Cultura Contemporània De Barcelona. *Barcelona Contemporània 1856-1999*. Barcelona: Disputació de Barcelona. 1996. p. 220.

deliberativo, e os debates que se seguiram foram cruciais na determinação das ações a serem tomadas pelo plano.

Inicialmente, em 1979, as autoridades locais puseram em marcha um projeto bastante ambicioso de regeneração urbana, baseado na reabilitação dos espaços centrais e na busca de um equilíbrio entre o centro e a periferia.<sup>41</sup> Após alguns anos, em 1986, a indicação da cidade para os Jogos Olímpicos de 1992 permitiu uma mudança radical na escala da intervenção, que mudou o foco de praças, ruas e quadras, para vias arteriais, portos e a Vila Olímpica. Esta mudança era de certo modo prevista no plano, visto que seus criadores sabiam que a organização de um grande evento era um ponto central de sua estratégia, e esperavam ganhar esta indicação mais cedo ou mais tarde.

A primeira decisão tomada após a nomeação foi a de que os Jogos seriam *da cidade e para a cidade*, focados na excelência da organização e em seu impacto urbano, sendo então quatro áreas escolhidas para acomodar os equipamentos olímpicos pela cidade:<sup>42</sup>

- Colina do Monjuïc
- Av. Diagonal
- Val d'Hebron
- Poble Nou – Vila Olímpica



Mapa do plano geral metropolitano.



Delegação de Barcelona festeja a nomeação Olímpica em 1986.

<sup>41</sup> Oriol Nel.lo. *The Olympic Village of Barcelona '92*. in IOC. *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*. Lausanne: Olympic Museum, 1996. p. 93.

<sup>42</sup> Ver Anexo V para um mapa com a localização das áreas de intervenção na cidade.

Todas essas áreas possuíam em comum o fato de serem espaços de transição entre a cidade ordenada do séc. XIX (plan Cerda) e as zonas de expansão descontrolada das décadas de 60 a 70. A exceção era a zona do Poble Nou, que se localizava na costa, concentrando os usos industrial, portuário e residencial de baixa renda, já bastante degradados pelo esvaziamento econômico.

Na colina do Montjuïc foram construídos os grandes elementos esportivos, como o Estádio Olímpico, o Palácio de los Deportes de Badalona, e o Parque Aquático, que criaram o Parque Olímpico, acessível também por um teleférico, e vizinho ao terreno da antiga exposição de 1929.

No Val d'Hebron, à Oeste, próximo ao Montbau e à Montanha do Tibidabo, foi construído anteriormente um velódromo, um pavilhão e um complexo esportivo anexo ao parque, enquanto que na região da Avenida Diagonal foram aproveitadas estruturas existentes como o estádio do F.C. Barcelona, o *Camp Nou*, ou o Estádio do Espanyol, o famoso *Sarriá*, e as enormes instalações da Zona Universitária.

Já a Vila Olímpica, coração dos jogos, foi desenvolvida por um time de urbanistas e arquitetos liderados por Oriol Bohigas, e seu princípio era de que, após os jogos, esta área deveria ser uma parte normal da



As 4 áreas de intervenção olímpica.



Imagem aérea da área do estádio olímpico em Montjuïc.

cidade, perfeitamente integrada a ela. Assim o desenho deveria ser o de uma vizinhança barcelonesa normal, continuando o traçado original de Cerdà, de modo a evitar a formação de um fenômeno urbano anormal.

O princípio mais importante de seu planejamento foi o de devolver a costa à cidade, desobstruindo o acesso ao mar. Isso foi feito retirando-se ou enterrando as linhas de trem existentes, enterrando também a via expressa arterial que deveria ser construída, e recuperando as praias, para uso popular. A seguir os usos do novo bairro deveriam ir além do uso residencial, incorporando grandes áreas de comércio, escritórios e recreação.

Ao fim do projeto a cidade havia um ganho mais de 4 km de praias, 50 Ha. de parques, uma marina para mais de 700 barcos, a ligação das *ramblas* com o mar, um centro de comércio e entretenimento (*Maremagnum*), além de quilômetros de passeios e áreas públicas.<sup>43</sup>

Ganhos infra-estruturais contabilizavam ainda novas vias arteriais, novo sistema de ônibus e várias expansões do metrô, incluindo uma nova linha que atendia a Vila Olímpica. Melhoras também foram realizadas nos sistemas de eletricidade, água, esgoto e comunicações da cidade, inclusive com a construção de uma torre projetada



Imagem de satélite da Vila e do Porto Olímpicos.



Maremagnum.

---

<sup>43</sup> Oriol Nel.lo. *The Olympic Village of Barcelona '92*. in IOC. *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*. Lausanne: Olympic Museum, 1996. p. 93.

pelo famoso arquiteto inglês Sir Norman Foster sobre a montanha do *Tibi Dabo*, a oeste do núcleo central da cidade.

No aspecto financeiro, os gastos foram divididos em dois grupos, sendo o primeiro composto dos gastos organizacionais, que garantiriam a operação dos Jogos em si, e o segundo representado pelos investimentos, que seriam feitos em objetos e ações que permaneceriam em uso na cidade após as competições. Obviamente a idéia central era reduzir as despesas no primeiro grupo, e concentrar os aportes no segundo, focalizando o aspecto de transformação urbana pretendido no plano inicial.

Com esse intuito foi decidido que o COOB'92<sup>44</sup> cuidaria dos aspectos operacionais, enquanto que uma empresa de capital misto público-privado, a HOLSA<sup>45</sup>, ficaria a cargo das construções e das vendas dos imóveis após os jogos. Conforme Nel.lo, as parcerias público-privadas foram essenciais no sucesso da empreitada, e nota que, embora a maioria dos investimentos fosse privada, o projeto e a administração das operações era em sua maioria público.<sup>46</sup>



Melhorias infraestruturais – Via expressa Ronda de Dalt.

---

<sup>44</sup> Comitê Organizador Olímpico de Barcelona 92

<sup>45</sup> Holding Olímpica de Barcelona S.A.

<sup>46</sup> Oriol Nel.lo. *The Olympic Village of Barcelona '92*. in IOC. *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*. Lausanne: Olympic Museum, 1996. p. 95.

## D) DAS CONSEQUÊNCIAS

O sonho de Barcelona de sediar os melhores Jogos Olímpicos da história foi amplamente atingido, e, ao fazê-lo, a própria cidade sofreu um importante processo de transformação urbana, fazendo com que o projeto inicial lograsse três grandes conquistas:

- Sucesso total na organização, em termos esportivos e administrativos.

- A transformação urbana gerada pelos Jogos teve profundas implicações econômicas e sociais.

- A cidade soube aproveitar muito bem o ímpeto e a herança deixados pelos Jogos.

Em 2001, Barcelona já era a sexta cidade mais atrativa da Europa, partindo de um 11º lugar em 1990<sup>47</sup>, tornando o esforço de organização tão bem sucedido que se tornou um modelo de intervenção utilizado mundialmente. Sobre este sucesso o ex-presidente do COI, o espanhol Juan Antonio Samaranch, afirma que só foi possível devido à força dos objetivos (organização e impacto urbano), o consenso entre as instituições, o uso de modelos mistos de financiamento público e privado, e



Festividade: Correfoc.



Imagem – Saltos ornamentais nos jogos olímpicos.

---

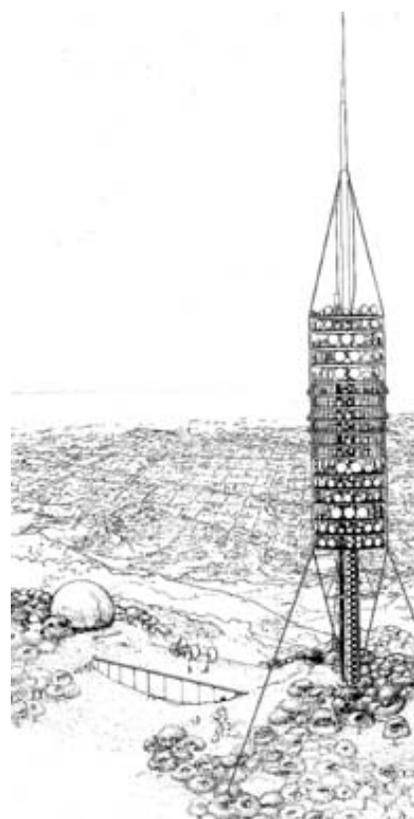
<sup>47</sup> European Cities Monitor. <<http://www.healey-baker.es/servlets>>.

também o bom aproveitamento do ímpeto olímpico na atração de investimentos.<sup>48</sup>

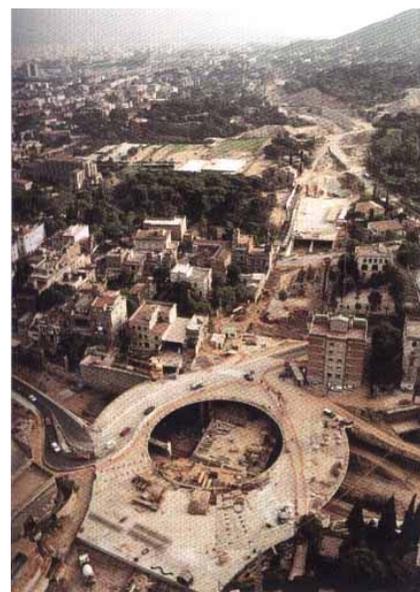
O saldo econômico foi positivo, e de um total de US\$ 9,7 bilhões<sup>49</sup> o Comitê Olímpico gastou US\$ 1,6 bilhões em custos organizacionais, que foram totalmente pagos pelos direitos de TV, ingressos e patrocínios. Já a cidade investiu os mais de US\$ 8 bilhões restantes em obras de infra-estrutura, em transportes, construção imobiliária, telecomunicações, hospedagem, sedes esportivas, e meio ambiente, tendo sido este valor amplamente restituído em forma de impostos, aumento de fluxo econômico, venda de imóveis construídos, terrenos reconquistados e reposicionamento e melhora significativa de sua imagem.

A resposta popular aos Jogos foi também excelente, tendo os cidadãos se mobilizado de tal forma para ajudar o evento que dos 45,133 funcionários do COOB'92, 34,548 eram voluntários, que serviram como auxiliares, fiscais, e assistentes, e ajudaram a transformar o espírito olímpico em espírito catalão.

No rastro deste sucesso, o primeiro plano estratégico da cidade foi revisado e adaptado, gerando mais dois planos sucessivos em 1994 e 1999. Em 2002 começaram



Infraestrutura: Torre de comunicações.



Infraestrutura: Praça de Borràs.

<sup>48</sup> Ferran Brunet. *The economic impact of the Barcelona Olympic Games, 1986-2004: Barcelona: the legacy of the Games, 1992-2002*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB. 2005.

<sup>49</sup> Ibid. 2005. - Para um panorama completo dos aspectos financeiros de Barcelona, ver Anexo IV.

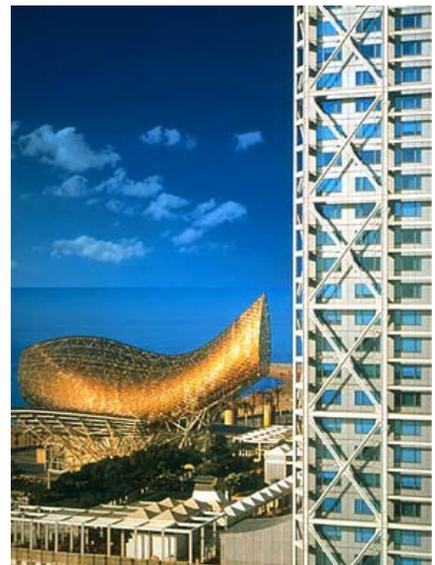
as discussões sobre um plano metropolitano, em maior escala, que abrangesse todos os municípios vizinhos à Barcelona, e ajudasse na busca do desenvolvimento sustentável para toda a Catalunha.

A fórmula dos jogos foi repetida, novamente com bastante sucesso, em 2004 com a organização do Fórum Mundial das Culturas, que proporcionou a reurbanização da foz do Rio Besòs e, depois de mais de 150 anos, completou a construção da Avenida Diagonal de acordo com o projeto original de Cerdà.

Os efeitos negativos desta empreitada, embora completamente suplantados pelos positivos, incluíram a transformação do mercado imobiliário em toda a cidade, com crescimento astronômico dos preços, causando um processo de gentrificação bastante acentuado. A Vila Olímpica, pretendida como uma área de ocupação mista com predominância da classe média, acabou se convertendo em um bairro nobre, com seus imóveis vendidos a preços maiores do que os projetados inicialmente pelo comitê gestor. Hoje a região apresenta uma tendência de normalização em seu valor imobiliário, existindo um processo inicial de mudança em direção a uma ocupação pela classe média, como era previsto anteriormente.



Fórum das Culturas 2004.



Torres e escultura no Porto Olímpico.

Outro fator importante foi o desemprego causado pelo imediato término dos jogos, quando aproximadamente 20 mil pessoas perderam seus trabalhos ligados ao Comitê Organizador e às obras de construção. Deve-se dizer, porém, que o crescimento econômico gerado pelo impacto positivo da olimpíada acabou por reverter esse quadro, ao longo dos anos.



Barcelona se projeta para o mundo.

### 3.3.2. DE SEVILHA

#### A) DA CIDADE NO LUGAR E NO TEMPO

Capital da Andaluzia, no sudoeste espanhol, Sevilha está situada nas planícies e no vale do Rio Guadalquivir, que, sendo navegável, cria condições excelentes para a atividade portuária. De fato, este era o ponto de chegada da frota real espanhola que trazia as riquezas do novo mundo, gerando grande desenvolvimento econômico e social durante o período colonial.

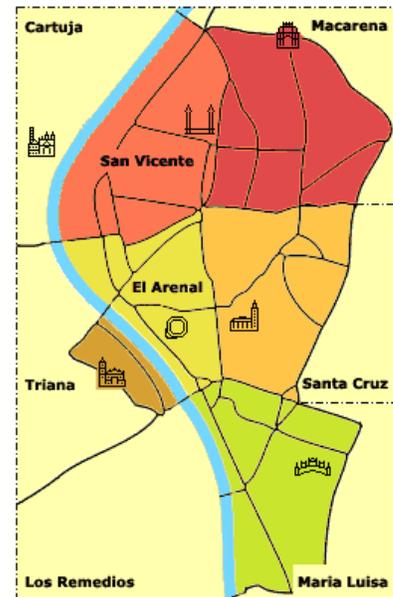
Com uma história conturbada, a cidade foi fundada por volta do séc. XIII a.C. pelos Tartessos, passando pelo domínio dos Fenícios e Cartagineses até ser conquistada por Roma em 206 a.C. Com a queda do Império, passou ao controle Visigodo em 426, e foi anexada pelos Mouros em 711, até ser reconquistada em 1248 por Fernando III de Castela.

De clima quente e tipicamente mediterrâneo, abriga hoje aproximadamente 700.000 habitantes e possui uma economia bastante voltada para o comércio e o turismo, sendo a quarta maior cidade espanhola.

Seu tecido urbano se caracteriza pela presença de um núcleo central fortificado, com traçado medieval, cercado por áreas de expansão mais recente, construídas



Sevilha e a Espanha.



Mapa esquemático da cidade, suas regiões e o Rio Guadalquivir.

por volta do séc. XIX. À Oeste do núcleo central forma-se uma grande ilha fluvial, *Isla de la Cartuja*, que foi parcialmente ocupada pelas expansões mencionadas anteriormente, mas que apresentava uma enorme área sem utilização, que foi urbanizada para dar lugar à Expo 92.



Mapa da exposição mostrando a Isla de la Cartuja.

## B) DOS ANTECEDENTES

Desde o fim do império espanhol nas Américas, Sevilha desenvolveu um longo processo de decadência, perdendo a antiga importância que a fizera ser a maior cidade da península ibérica por séculos. Sem o monopólio do desembarque das mercadorias e riquezas que aportavam vindas do novo mundo, toda a estrutura econômica da cidade desmorona, e até a poderosa *Casa de Contratación de las Índias* passa a ser operada desde a vizinha e rival Cádiz, já a partir do final do século XVII.



Casa de Contratación de las Índias.

A cidade, porém, reage no espírito da contra reforma e sofre uma revolução cultural de caráter religioso, tornando-se sede de mais de 70 mosteiros e conventos de diversas ordens. Esta reação leva a um desenvolvimento da arte e da cultura, especialmente nos aspectos ligados à religião, que transformam o aspecto decadente urbano em um ambiente dinâmico, fervilhante e inovador.

Com o passar do tempo e a queda do espírito religioso local devido às ideologias anti-clericais do séc. XIX, e às revoltas por elas geradas, este ímpeto é bastante reduzido e, embora permaneça ainda como um dos quatro mais importantes centros culturais da Espanha, Sevilha não apresenta mais o fervor econômico e artístico de outras eras, passando a sofrer dos mesmos males que afligem as cidades da era pós industrialista no final do séc. XX.

Havia uma necessidade urgente de reposicionamento da identidade urbana, levantando seu potencial de atração cultural e artístico, de modo a colocá-la novamente como pólo de turismo e criação intelectual, e atrair novos investimentos.

### C) DO PROJETO

A idéia de sediar um grande evento começou cedo, em 1976, como Rei de Espanha D. Juan Carlos I discursando em Santo Domingo, na República Dominicana, antiga capital das Índias, a intenção de realizar uma exposição universal sobre a era das navegações para comemorar o quinto centenário da descoberta da América em 1492. Parecia um projeto distante, ousado e utópico para um país mergulhado no caos econômico, político e social, Recém saído de décadas



Soldados republicanos em Sevilha durante a guerra civil espanhola, 1931.



Logomarca do projeto Expo'92 Sevilha.

de uma ditadura centralista e opressora, e ainda marcado por ecos da guerra civil que a precedeu.

Devido às turbulências políticas, a Espanha esqueceu da idéia até que no início dos anos 80 a cidade de Sevilha aprovou uma petição onde se candidatava para sediar o tal grande evento, ainda indeterminado, mencionado pelo Rei. O Instituto de Cooperação Ibero-Americana formaliza a proposta da exposição sevilhana, em 1982 e esta é registrada no B.I.E.<sup>50</sup> em Paris em 1983. Inicialmente a cidade seria co-sede da Expo'92 junto com Chicago nos EUA, mas ao longo da década de 80, os americanos abriram mão de sua nomeação e Sevilha passou a ser a única organizadora do evento.

Em 1985 o projeto está em marcha, através de um comitê organizador altamente centralizado, federal, capitaneado com mão de ferro pelo Rei espanhol, e em durante um vôo de helicóptero sobre a cidade, com a presença do presidente da república e outras autoridades, descobre-se a *Isla de la Cartuja*,<sup>51</sup> uma ilha fluvial à oeste do centro histórico onde se encontrava o famoso Mosteiro de Santa Maria de las Cuevas, local onde Colombo se retirou para meditar por alguns dias antes de partir em sua viagem rumo ao desconhecido. Fundado por monges franciscanos no final do séc. XIV, o mosteiro passou ao



Vistas do Mosteiro de Santa Maria de las Cuevas.



Tumba de Cristóvão Colombo na Catedral de Sevilha.

<sup>50</sup> Bureau International des Expositions.

domínio da ordem cartucha poucos séculos depois, e com estes permaneceu até a invasão Napoleônica e a expulsão das ordens religiosas da Espanha em 1836. Desocupado, foi comprado por um comerciante inglês e transformado em fábrica de louça e porcelana, muito famosa, que funcionou até 1982, quando o edifício e seu enorme terreno (fruto de séculos de doações às ordens religiosas) foram novamente abandonados.

A ilha oferecia o espaço ideal para a exposição e logo foi escolhida, pois estava muito próxima ao centro histórico da cidade, possuía grandes dimensões e estava praticamente sem edificações, salvo pelo mosteiro, que poderia ser recuperado pelo seu enorme valor histórico.

Em julho de 1986 é realizado um concurso de idéias para o desenho das ruas da ilha, mas este falha por diversos problemas, e uma morfologia já existente é adaptada para acomodar o evento, sendo aprovada formalmente no Plano Diretor da Exposição.

No ano seguinte o panorama parece desolador, com apenas a República Dominicana inscrita como participante. Chicago, então co-sede, sofre dos mesmos problemas e acaba por abrir mão de sua candidatura, deixando Sevilha com a bomba nas mãos.



Portão da Fábrica de Louça Pickman, na Cartuja.



Plano diretor para a Ilha Cartuja.

---

<sup>51</sup> Ver Anexo VI para um mapa com a localização da área de intervenção na cidade

Mas um ano antes da inauguração a confiança na realização do projeto aumenta e os problemas se invertem. Uma exposição planejada para abrigar 60 países expositores em aproximadamente 300 mil metros quadrados de área expositiva deveria agora lidar com um número recorde de participantes: 112 nações, mais uma dezena de empresas, e 23 organismos internacionais, além de todas as unidades autônomas espanholas. Para tanto o terreno teve que ser entendido até o dobro da área inicial planejada, o que ocorreu sem muitos problemas, já que, conforme dito, a *cartuja* era uma ilha de grandes proporções e sem grandes edificações.

Para complementar a exposição e tentar revitalizar a cidade de Sevilha, uma série de obras de infra-estrutura é planejada, e incluía, além de inúmeros melhoramentos viários urbanos, a construção de 8 pontes sobre o rio Guadalquivir, um novo terminal no aeroporto, um anel viário com 80km ao redor da cidade, e uma linha de trem expresso AVE<sup>52</sup>, que cumpria o trajeto de 471 km até Madrid em apenas 2:35 minutos. Os transportes dentro da ilha seriam feitos por um sistema especialmente projetado de ônibus, uma moderníssima linha circular de monorail e um teleférico panorâmico.



Ponte de Santiago Calatrava sobre o Rio Guadalquivir, construída para a EXPO.



Ponte de la Barqueta, projetada por Arenas e Pantaleón.



Estação AVE de Santa Justa, Sevilha.

---

<sup>52</sup> Renfe Alta Velocidad.

Dois meses antes da inauguração, porém, o Pavilhão dos Descobrimentos, o principal e maior da exposição ardia em chamas. Labaredas de 40 metros de altura eram vistas em toda Sevilha, e após o combate dos bombeiros pouco pode ser salvo. A feira seria aberta sem sua maior atração, da qual só se conseguiu salvar o cinema espacial em 3 dimensões Omnimax.

Mas a fúria do fogo não descansou após esse ataque, e a três dias da inauguração, também ardia o pavilhão das Ilhas do Atlântico Sul, que, construído de materiais vegetais, foi rapidamente ao chão, sendo, porém, reconstruído e reinaugurado próximo ao fim da exposição, em outubro.

Fatalidades à parte, no dia 20 de Abril de 1992 era inaugurada a Expo'92, com o tema “A Era dos Descobrimentos”, contendo mais de 210 ha. de área expositiva, 92 pavilhões, a um custo total de aproximadamente 10 bilhões de dólares (entre investimentos em infra-estrutura e na feira em si), sendo considerada por muitos a maior exposição já realizada até aquela data.<sup>53</sup>



Pavilhão dos Descobrimentos após o incêndio e durante sua reconstrução.



Vista aérea noturna da exposição com a ponte de la barqueta ao fundo.

<sup>53</sup> Luis C. Teixeira. *Exposiciones Universales: El mundo en Sevilla*. Barcelona: Labor. 1992.

## D) DAS CONSEQUÊNCIAS

Após as cerimônias de encerramento no dia 12 de Outubro de 1992, a exatos 500 anos do descobrimento da América, o saldo dos seis meses de exposição era excelente: quase 42 milhões de visitantes, mais que o dobro dos 18 milhões esperados, lucro para o comitê organizador, e Sevilha divulgada com bons olhos para toda a Europa e o mundo.

Quando a poeira baixou, a realidade se fez presente, e esta não era nada agradável. Os esforços em prol de um legado de melhorias urbanas para a cidade ruíram em meio a grandes brigas políticas, disputas partidárias e interesses eleitorais. Pouco do que foi erguido para as comemorações restou de pé. Dos 92 pavilhões, apenas 35% continuaram erguidos, os sistemas de monorail e o teleférico foram desativados, e ilha da *Cartuja* virou um enorme deserto, não integrado à cidade na outra margem do rio, e sem um projeto de utilização viável. Os objetos e construções foram desmontados, vendidos, sucateados ou depredados por vândalos. O que sobrou sofreu a ação dos elementos e do tempo.

Na cidade, o legado foi bem menor do que se esperava. As grandes melhorias foram sem dúvida a linha AVE de trens de alta velocidade até Madri (embora sem a extensão construída até a *Cartuja*, que foi desativada por



Monotrilhos em duas épocas: Durante a EXPO e abandonados anos depois.

falta de uso logo após a feira), e as várias ruas e avenidas abertas ou reformadas por todo o perímetro urbano.

Infra-estruturas de comunicação e energia também sofreram melhoras consideráveis, mas algumas decisões do comitê executivo acabaram por minimizar o efeito do grande fluxo de público na cidade. Como exemplo, a solução encontrada para a falta de vagas nos hotéis sevilhanos foi a instalação de vários navios-hotéis ao longo do rio, fazendo com que, ao fim das festividades, a sua capacidade hoteleira não tivesse sofrido grande aumento.

Mas o não aproveitamento do terreno expositivo gerava um novo problema, pois o que atrairia o turista de volta para a cidade, agora que a feira havia terminado? E qual o uso que poderia ser destinado a uma região enorme onde por lei não era prevista a possibilidade de habitação? Enquanto não se encontrava resposta para essas questões, o terreno foi abandonado à sua própria sorte, e tornou-se palco da delinqüência local.

Soluções de emergência foram encontradas após algum tempo. No ano seguinte à Expo, alguns edifícios mais adaptáveis foram tomados por órgãos ou empresas públicas, como o Instituto Histórico, ou os Correios. Algumas empresas também aproveitaram seus pavilhões expositivos para instalar-se, como as alemãs Siemens e



Vista aérea da área de exposição abandonada pouco após o seu término.



Pavilhões da Siemens e Schindler, reaproveitados pelas empresas após a exposição.

Schindler. Decidiu-se então tomar uma parte ao norte da ilha e convertê-la em parque científico e tecnológico para empresas de desenvolvimento de alta tecnologia.

Anos depois, um parque temático focado nas grandes navegações arrendou parte do terreno restante e abriu suas portas em 1997 com o nome de *Isla Mágica*, próximo ao mosteiro. Em terreno vizinho foi inaugurado em 1999 o Estádio Olímpico da Cartuja, hoje seriamente subutilizado, já que os dois maiores times de futebol da cidade já dispõem de seus próprios campos de jogo.

A iniciativa mais recente é o Puerto Triana, um empreendimento na parte ao sul da ilha, que deverá converter os terrenos abandonados em um importante centro financeiro, comercial e de negócios, com a construção de vários edifícios, entre eles uma torre com mais de 150 metros de altura, a maior da cidade, que abrigará a sede do banco local.

Nota-se que até hoje não foi cogitada em nenhuma oportunidade a hipótese de se permitir a ocupação residencial na região da EXPO, ação que poderia dar vida e dinamismo à toda essa região muito bem servida de infra-estrutura e com localização excelente.

Independente desses esforços mais recentes, a área permanece em sua maioria subutilizada, e em boa parte sem uso algum, e a grande maioria das estruturas erguidas



Uma das réplicas das caravelas de Colombo, hoje no Parque dos Descobrimentos da Porta Triana.



Parque da Isla Mágica, hoje ocupando parte do terreno da exposição.

para a exposição foi desmontada ou sucateada, fazendo com que seu impacto no tecido urbano de Sevilha tenha sido pequeno e, em geral, negativo.

Apesar do enorme sucesso da feira, e de sua grande exibição internacional, a cidade não soube se aproveitar desse impulso, e a falta de planejamento e sensibilidade dos organizadores para o pós-exposição, levaram à perda de uma excelente oportunidade de projeção e revitalização da economia e sociedade sevilhanas.

“L'Oriente e l'Occidente, il Nord ed il Sud sanno su quali enormi fremiti di guerre io — Genova — abbia prevalso”

- Inscricção medieval sobre a antiga Porta Soprana

“Regale, addossata a una collina alpestre, superba per uomini e per mura, il cui solo aspetto la indica Signora del mare.”

- Petrarca

### 3.3.3. DE GENOVA

#### A) DA CIDADE NO LUGAR E NO TEMPO

Cidade portuária com uma população de 700.000 pessoas na costa noroeste da Itália, Genova é a capital Liguria e uma das principais cidades comerciais do Mediterrâneo. Uma faixa de terra entre as montanhas dos Apeninos Setentrionais e o mar, estende-se por 32 km de costa, dos quais 25 são utilizados para atividades portuárias, ou aeroportuárias.

Porta da Europa, e excelente porto natural, sua região foi ocupada desde tempos pré-históricos, tendo sido escavadas evidências Etruscas e Gregas que comprovam seu uso como movimentado e importante entreposto comercial. Já sob o domínio Romano, Genova torna-se, junto com a vizinha Savona, o mais movimentado porto da região, exportando madeira, peles e mel. Com a queda do Império ela passa para as mãos dos Ostrogodos e dos Lombardos, até adquirir o status de cidade-estado em 1100, tornando-se uma das *Repubbliche Marinare* do Mediterrâneo, junto com Veneza, Pisa e Amalfi.

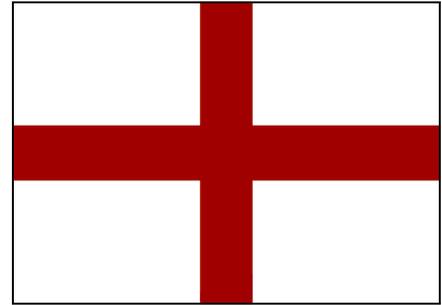


Localização de Genova.



Genova em 1629 - Bertelli.

Sua importância como entreposto comercial entre a Europa e o oriente torna-se enorme com os acordos com os Territórios Cruzados na Terra Santa e com o Império Bizantino. A cidade floresce com o comércio, as atividades bancárias e a construção naval, tornando-se tão importante que os ingleses, em cruzada à Terra Santa, pagam pelo direito de ostentar a bandeira Genovesa (a cruz de São Jorge) em seus navios, e obter passagem segura pelo mediterrâneo. O pavilhão inglês é, até hoje, aquele alugado dos genoveses.



Bandeira Genovesa.

Com a descoberta do caminho para as Índias, a cidade cai em lento declínio, e suas torres e palácios de mármore cantados por Petrarca tornam-se apenas lembranças de um passado glorioso. A decadência leva à invasões e derrotas militares, e até à anexação à França de Napoleão, por um breve período em 1805, revoltando-se em seguida para logo ser unificada à Itália por Giuseppe Garibaldi em 1860.



Gênova em 1704 – Covens-Mortier.

Por ter florescido no fim do período medieval até o *seicento*, a cidade apresenta um tecido caracteristicamente renascentista, mantendo, porém, um núcleo central próximo ao *porto antico* com qualidades medievais. *Palazzi*, Igrejas e demais espaços maneiristas e barrocos, recobertos de mármore, permeiam o ambiente urbano, e as

zonas de ocupação mais recente foram urbanizadas nos séculos XIX e XX.

## B) DOS ANTECEDENTES

Como muitas cidades portuárias, Genova experimentou períodos de grande riqueza e de crise. Até o fim da II Guerra Mundial, a cidade era o maior porto italiano, entre os mais movimentados do Mediterrâneo, e um dos maiores centros industriais do país, com ênfase nos campos da siderurgia e construção naval, dominados por empresas estatais, e sede das maiores indústrias petrolíferas locais.

Porém, durante os anos 60 e 70 a economia genovesa entra em declínio, criando um efeito cascata que deixou a cidade arruinada: as empresas petrolíferas foram para Roma, e o governo federal começou a reestruturar, relocar e privatizar a administração e produção de suas indústrias. Mudanças no sistema de transporte marítimo, como a introdução dos *containers*, deixaram deserto um porto que não podia mais ser competitivo, devido à falta de infra-estrutura, velocidade, e espaço, e a presença de um sistema de mão de obra sindical ineficiente e caro.

Em meados dos anos 80 a população genovesa estava reduzida em um terço, e a quantidade de emprego diminuindo constantemente. O declínio parecia sem fim, quando algumas iniciativas começaram a ser tomadas: o



Porto de Genova na virada do século.



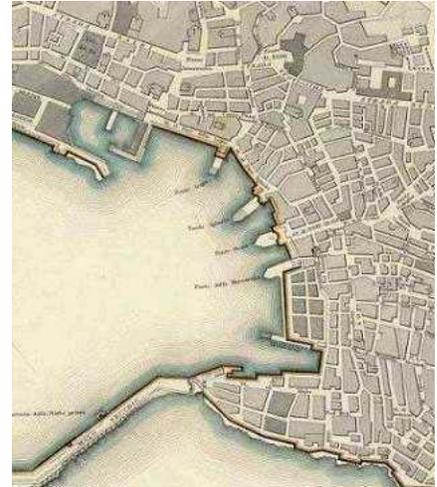
Vista aérea do porto.

porto foi deslocado, dividido por usos, aumentado, reequipado, dotado de um novo sistema de administração e contratação de mão de obra, e gradualmente voltou a conquistar sua posição no Mediterrâneo. Industrialmente houve uma mudança em direção a empresas de alta tecnologia, que começaram a se interessar pelos espaços deixados pelo êxodo das décadas anteriores.

A cidade ganhou vida, e começou a olhar para o seu passado e sua herança cultural, para buscar inspirações e recursos com os quais tentar uma revitalização, melhorar a qualidade de vida, tornar-se mais atrativa para morar e trabalhar e desenvolver o turismo e demais atividades culturais.

Havia, porém o problema do *porto antico*, que por seu aspecto histórico e localização não podia ser reconicionado. Galpões enormes que antes eram utilizados na estocagem de algodão e mercadorias, *palazzi*, guindastes, diques, docas e demais estruturas portuárias acabaram abandonadas, enquanto as operações de carga e descarga eram movidas cada vez mais para as novas instalações construídas a oeste do centro histórico.

Há séculos separada do contato direto com o mar, a cidade possuía agora uma área degradada com ótima localização, potencial para integração do centro com a



Detalhe de carta de 1836 mostrando a área do Molo Vecchio no Porto Antico.



Vista do Palazzo Ducale no centro histórico da cidade.

costa, e vários edifícios históricos abandonados com excelentes qualidades para reaproveitamento.

Junte-se a este aspecto a necessidade da cidade se projetar regional e internacionalmente como uma capital cultural, de modo a retomar seu papel no universo artístico e intelectual da Itália e da Europa.

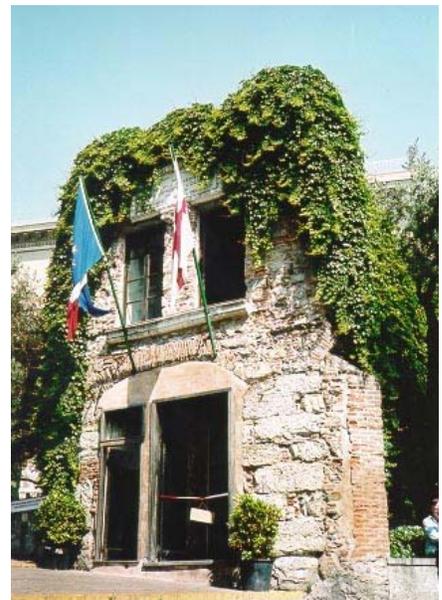
### C) DO PROJETO

No começo dos anos 80, 1984, foi criada uma estratégia para tentar reverter o quadro de declínio da cidade, que incluía, naturalmente, propostas para revitalização do *porto antico*, e culminou com a confecção de um plano urbanístico de longo prazo. Logo a idéia de sediar uma Exposição Mundial tomou corpo, e a proximidade dos 500 anos do descobrimento da América por Cristóvão Colombo, um genovês, apresentava a oportunidade ideal para executá-la.<sup>54</sup>

Em 1987 o projeto foi aprovado pelo B.I.E<sup>55</sup> em Paris, e Genova seria uma das sedes da Exposição Internacional de 1992, dedicada ao descobrimento, apresentando a história da navegação, com o título “Cristóvão Colombo: A Nau e o Mar”, em conexão com a exposição principal em Sevilha na Espanha. A nomeação



Vista aérea do projeto para o porto.



Casa de Colombo em Gênova.

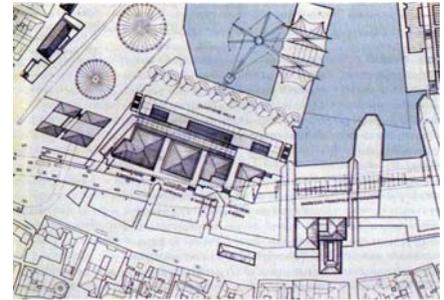
<sup>54</sup> Ver Anexo VII para um mapa com a localização da área de intervenção na cidade

<sup>55</sup> Bureau International des Expositions.

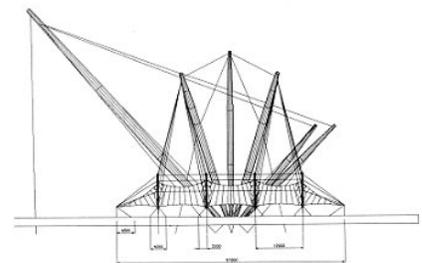
deu novo vigor ao processo de reestruturação genovês, e colocou por terra a noção de que a cidade não podia se tornar um centro turístico internacional por ser uma vila industrial e maçante.

No ano seguinte foi criado o Ente Colombo '92, uma agência com a função de promover e gerenciar o evento, sob a direção das autoridades municipais, e com a participação de todos os níveis do governo, da autoridade portuária e da câmara de comércio. Com a visibilidade garantida pela presença de um evento internacional, o financiamento que seria impossível de se obter pelas autoridades locais, foi prometido pelo governo federal, e o projeto pôde se concentrar em sua idéia principal de reconectar a cidade velha com o *porto antico* e o mar, reabilitando sua área degradada.

A criação do projeto foi entregue à Renzo Piano, famoso arquiteto genovês, que recebeu a área da exposição já bastante edificada. Nos últimos séculos, Genova construiu em todo terreno onde era possível, e encontrar áreas para novas empreitadas era tarefa muito difícil. A solução foi abrigar a Expo dentro dos galpões e armazéns existentes, alguns tão antigos quanto o século XVI, e apenas dois edifícios foram construídos: um aquário e um grande bloco de instalações.



Projeto de Renzo Piano para o Porto Antico.



Projeto do *Bigo*, Escultura junto ao Molo Vecchio.

O próximo problema era político e esbarrava no fato de que, na Itália, as áreas portuárias pertencem ao Estado, mas, após alguma negociação, uma lei federal foi criada para tornar possível a ocupação do porto pela exposição, durante o período de sua realização. Um grande debate surgiu quando nenhuma garantia foi dada de que a cidade manteria o controle da área após realizar seus investimentos, fato que foi mais tarde resolvido com a venda da área pela união por um preço de compromisso.

Continuando com a tradicional burocracia italiana, o projeto deveria ser aprovado pelos governos federal e regional, e o Plano Urbano da cidade adaptado para comportar as mudanças necessárias. O que necessitaria de anos foi realizado em pouco tempo graças à realização de um outro grande evento no país, a Copa do Mundo de Futebol de 1990. Para acelerar o processo de aprovação dos trabalhos para o mundial, em cada cidade-sede um comitê especial foi formado, a *Conferenza dei Servizi*, que reunia representantes de várias agências governamentais, necessárias para a legalização das intervenções urbanas. Um projeto aprovado pela *Conferenza* era considerado aprovado por todos os organismos públicos participantes. Dellepiane<sup>56</sup> afirma que sem a presença desse comitê na



Vista dos *Magazzini del Cotone*, palco da Expo.



Vista aérea do Porto Antico.

---

<sup>56</sup> Alberto Dellepiane. *Genoa – A waterfront revival of historical proportions in Urban Review – Volume II Issue II – Spring 2005 – p. 4.*

cidade de Genova, a exposição provavelmente não teria acontecido.

Com o projeto em marcha, os planejadores começaram a procurar por casos de revitalização de áreas costeiras realizadas com sucesso, e, dos exemplos de Baltimore e Boston, ambas nos EUA, retiraram a idéia do aquário, rapidamente incluída no plano urbanístico por Renzo Piano, que seguia uma filosofia muito simples: “Implementar trabalhos de valor permanente para a cidade, fazer intervenções que sejam úteis depois de apagadas as luzes das festividades”<sup>57</sup>

Na inauguração, em 15 de maio de 1992, 57 países expunham suas culturas em um porto renovado, transformado em uma grande avenida de pedestres, a Via del Mare, sem as linhas férreas e autopistas que bloqueavam seu acesso do centro histórico. Os grandes armazéns foram restaurados e transformados em pavilhões expositores, contendo ainda restaurantes, lojas, cinemas, teatros e áreas de lazer. O Aquário, o centro de convenções, e a escultura *Il Bigo* serviam de marcos locais, tendo o segundo um elevador panorâmico com funcionamento semelhante a um guindaste que proporcionava uma vista de todo o porto.



Aquário projetado por Renzo Piano.



*Il Bigo*, Renzo Piano.

---

<sup>57</sup> Roberto Bringolo e Renzo Piano. *Renzo Piano*, The Monacelli Press, Londres, 1997.

Piano aproveitou os elementos e objetos históricos da cidade e criou um ambiente que os unia em um contexto singular, tirando partido das praças do centro antigo, ao conectá-las com essa nova frente marinha. Surgiu então um grande ambiente de lazer e cultura, amplamente relacionado à herança genovesa, reconectando a cidade ao mar e resgatando sua tradição artístico-cultural.



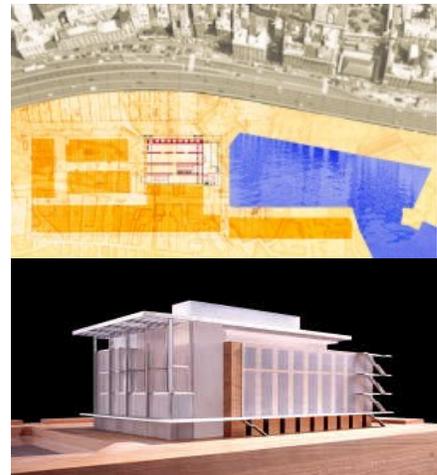
Centro de Convenções *Congressi Cotone*.

#### D) DAS CONSEQUÊNCIAS

No encerramento das comemorações em 15 de outubro de 1992, a exposição parecia ter sido um grande fracasso e os quase 1,7 milhões de visitantes eram muito menos do que se esperava. O *porto antico* parecia desolado, vazio e sem uso, e os 350 milhões de dólares investidos no projeto, mal gastos.

Porém a salvação veio através do aquário, que se transformou na 3ª atração mais visitada da Itália, atrás apenas dos Museus Vaticanos e da *Galeria degli Uffizi* em Firenze, atraindo de dois a três milhões de visitantes por ano, tornando-se objeto central da área revitalizada.

Em 1994 a cidade e a Câmara de Comércio formaram uma empresa, a *Porto Antico Spa*, para gerir a área da feira e tentar encontrar novos usos para a infra-



Projeto e Maquete do *Museo del Mare*.

estrutura instalada. Os armazéns foram alugados para atividades relacionadas com a nova vocação da região, e a renda foi aplicada na conservação e ampliação de seus espaços e atrações.

Neste mesmo ano a cidade aprovou um Plano Geral Portuário, para gerir o aproveitamento de sua zona costeira, aproveitando a reforma na legislação federal portuária que ocorrera pouco antes, tornando-se a primeira cidade italiana a ter tal instrumento de planejamento urbano. Suas premissas são totalmente integradas às propostas do plano estratégico urbano da cidade, criando uma unidade entre os objetivos do porto e os do município.

Como resultado, mais 60 milhões de dólares foram investidos, e novos empreendimentos realizados na área da exposição, como a Marina Porto Antico, com apartamentos, e lojas, a Universidade de Economia de Genova, e o Museo del Mare, inaugurado em 2004 e projetado para ser tão atrativo quanto o aquário. Novas áreas de porto foram adicionadas ao projeto, e a região central da cidade ganhou uma nova vida, conectada ao mar, tornando-se um local vibrante e próspero, atraindo cada vez mais turistas. Genova ganhou novas áreas de recreação e espaços livres que eram muito necessários,



Vista do Museo del Mare.



Edifícios e armazéns históricos sendo restaurados.

revitalizando o centro histórico, ultimamente povoado por grupos minoritários.

Aspectos negativos incluem a elevação dos preços dos imóveis na região, e do custo de vida em geral, além do estrangulamento inicial da capacidade hoteleira instalada na cidade, aguardando a conclusão de novos investimentos no setor.

Hoje o *porto antico* recebe por volta de 3,5 milhões de visitantes ao ano, e gera uma receita considerável para a cidade em forma de royalties e tributos. Genova aprendeu com a organização da Expo '92 a capitalizar em cima de grandes eventos, sediando a cúpula do G8 em 2001, e sendo nomeada a Capital Européia da Cultura em 2004.

Enquanto os resultados iniciais da exposição não foram tão animadores, os esforços contínuos de Genova de requalificação de sua área portuária levaram a uma melhora significativa na qualidade da cidade, de sua economia, imagem e de seu posicionamento estratégico, na região norte da Itália e na Europa.



O *Porto Antico*, Antes e Depois da Intervenção.



Genova hoje: Porto de passageiros.

### 3.4. DO QUADRO COMPARATIVO

Tendo-se completado o estudo dos três casos indicados, pode-se proceder a uma decantação das várias informações obtidas ao longo da pesquisa, ordenando-as de forma lógica e concentrada, de forma a facilitar a leitura e a promover a comparação direta entre as cidades e seus eventos. Este enfoque é importante para proporcionar uma visão de conjunto, resumida, dos projetos realizados e, desse modo, ressaltar suas peculiaridades, para que se possa analisar quais foram os fatores que contribuíram para os resultados, positivos ou negativos, de cada caso.

Para tanto, as informações foram divididas em quatro grupos, sendo o primeiro destinado a expor as informações básicas sobre a cidade, seu panorama sócio-econômico no momento anterior à decisão de realizar o evento, e o tipo de festividade escolhido.

Em seguida ressaltam-se os aspectos da etapa de planejamento e gestão das intervenções, para logo depois expor os dados relativos à sua execução. Por fim, enumeram-se os resultados obtidos após os eventos.

A efetiva comparação entre os casos e a interpretação de suas informações ocorre no capítulo de conclusão deste trabalho.

## QUADRO COMPARATIVO

		BARCELONA	SEVILHA	GENOVA
Evento	Evento	Jogos Olímpicos de Verão	Exposição Universal	Exposição Internacional
	Data de realização	25/07/1992 a 09/08/1992	20/04/1992 a 12/10/1992	15/05/1992 a 15/10/1992
Cidade	População	1,6 Milhão	700 Mil	700 Mil
	Atividade Principal	Industrial/Comercial	Comercial	Industrial
	Condição	Crise Industrial	Crise Econômica	Crise Industrial/Portuária
Planejamento E Gestão	Período	1986 - 1992	1982 - 1992	1986 - 1992
	Tipo	Plano Estratégico	Plano Diretor	Plano Diretor
	Gerenciamento	Governo Local	Governo Federal	Governo Local
	Comando	Descentralizado	Altamente Centralizado	Centralizado Local
	Participação Sociedade	Multi-Participativo	Governamental	Multi-Participativo
	Projeto	Governo Local	Agência Federal (Rei)	Renzo Piano
Execução	Local	Múltiplo (Ênfase Waterfront)	Ilha Fluvial	Waterfront (Zona Portuária)
	Execução	Parcerias Público-Privadas	Governo Federal	Parcerias entre Governos
	Custo Estimado	US\$ 9,7 Bilhões	US\$ 10 Bilhões	US\$ 350 Milhões
	Mobilização popular	Alta	Baixa	Moderada
Resultados	Balanço do Evento	Lucro	Lucro	Lucro
	Balanço Geral	Lucro	Prejuízo	Lucro
	Conseqüências Urbanas	Grande Revitalização	Ilha Abandonada	Revitalização Waterfront
	Permanência	Excelente	Muito Baixa	Ótima
	Reflexo na Imagem	Reposicionamento-Melhora	Pouco	Reposicionamento-Melhora
	Eventos Gerados	Fórum Mundial 2004	Cartuja 93 - Puerto Triana	G8 - Capital da Cultura 2004
	Resultado	Enorme Sucesso	Fracasso	Sucesso

## LEGENDA

**Evento** – Nome e data efetiva de realização do grande evento utilizado pela cidade.

**Cidade** – Informações estatísticas e econômicas sobre as cidades-sede na época imediatamente anterior à realização dos eventos.

**Planejamento e Gestão** – Dados relativos à fase de projeto e gestão das intervenções:

- Período – Tempo desde o surgimento da idéia à sua realização.
- Tipo – Plano urbano utilizado para executar a estratégia da festivalização.
- Gerenciamento – Nível de governo responsável pela condução do projeto.
- Comando – Método de comando utilizado.
- Participação Sociedade – Nível de participação dos diversos segmentos da sociedade no processo. (Empresas, Sociedade Civil, ONGs, Associações, Entidades, etc...).
- Projeto – Entidade ou pessoa encarregada do ato de projetar e criar as idéias utilizadas .

**Execução** – Dados relativos à fase de execução das intervenções:

- Local – Área escolhida para receber as intervenções projetadas.
- Execução – Método utilizado para executar as obras de intervenção.
- Custo Estimado – Custo estimado total do projeto, (festividades + obras de infraestrutura).
- Mobilização Popular – Nível de mobilização popular para o projeto (apoio e aceitação dos cidadãos e da sociedade como um todo, voluntariado, etc).

**Resultados** – Avaliação dos resultados atingidos pelos projetos:

- Balanço do Evento – Resultado financeiro do evento em si, (Exposição e Jogos Olímpicos), sem levar em conta os investimentos de cunho geral.
- Balanço Geral – Resultado financeiro de todo o projeto, computando o evento, investimentos em infra-estrutura, propaganda, ganhos imobiliários, marketing, etc.)
- Conseqüências Urbanas – Impacto final da intervenção no tecido urbano da cidade.
- Permanência – Continuidade da influência do evento sobre a cidade ao longo dos anos seguintes a sua realização. Abrange aspectos econômicos, de marketing, sociais e culturais.

- Reflexo na Imagem – Reflexo do projeto na imagem da cidade para seus próprios cidadãos, o país e o mundo.
- Eventos Gerados (Spin-offs) – Eventos e iniciativas gerados a partir do legado ou da experiência do projeto original.
- Resultado – Somatório geral dos lucros e perdas do projeto.

## CONCLUSÃO

“O grande projeto urbano, de um lado se empenha na restauração do desenho físico da *forma urbis*, de outro permite a negação dos modelos hoje em crise, porque, como solução específica para problemas específicos, impõe o superação dos standards, dos vínculos, do tempo do plano tradicional.”

Marco Venturi, 1994<sup>58</sup>



Toda intervenção urbana possui pontos positivos e negativos. Em algum momento do processo há que se escolher as prioridades, e com elas, quem será desfavorecido e quem ganhará com os trabalhos. Encontrar o ponto correto em que as benesses superam os malefícios de maneira adequada é tarefa árdua, e, por vezes, bastante controversa, pois os vários segmentos da sociedade têm as suas visões e hierarquias de necessidades próprias, muitas vezes incompatíveis entre si, e por outras até antagônicas.

Por outro lado vivemos processos contínuos de mudanças, as sociedades se transformam, a vida muda rapidamente, e as cidades refletem essa dinâmica com muita agilidade, principalmente as maiores e multiculturais. Planejá-las não é mais um ato definitivo, detalhista e até utópico ou ingênuo como antigamente. Tornou-se um processo plástico, indeterminado, contínuo na dimensão temporal, e ciente das transformações que poderá vir a sofrer no futuro. Deixou de ser a expressão singular do pensamento de um urbanista para ser o resultado de um consenso multi-participativo dos vários setores da sociedade.

Conciliar os interesses dos atores no presente enquanto se prepara o caminho para acomodar as mudanças do futuro parece ser o desafio do urbanismo neste início de milênio. Rem Koolhaas percebe esse processo e o leva ao extremo em seu ensaio “The Generic City”, quando afirma que as mudanças são tão rápidas e constantes que não há

---

<sup>58</sup> Marco Venturi *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Veneza: Il Cardo, 1994, p 11.

planejamento que consiga acomodá-las corretamente. Sua solução seria não planejar, abandonar, ‘apagar a luz’, esperar a cidade correr seu curso e ‘deixar de ser’. No mundo real tal extremismo pessimista não pode ser levado ao pé da letra, mas serve como sinalizador de uma tendência que precisa ser incorporada ao pensamento urbano o quanto antes.

Estando as idéias em ordem, é ainda mais difícil administrá-las e conseguir financiamento para sua execução. Entraves burocráticos na esfera pública, e preocupações financeiras no âmbito privado levam a atrasos e dificuldades que chegam a inviabilizar certas ações. A experiência ensina que as intervenções de médio e grande porte, estruturais, devem ser capitaneadas pelo setor governamental, pela maior facilidade com que obtêm acesso à terra, financiamentos, e autoridade sobre os cidadãos afetados, embora não possuam a transparência no uso do dinheiro ou a agilidade de planejamento e ação que possui a iniciativa privada. Enquanto ambos os lados lucram com as melhorias urbanas, faz-se necessário que atuem cada vez mais de modo conjunto, na forma de parcerias ou associações, que contem ainda com a participação da população local, talvez a mais interessada, e quase sempre a menos influente, nos processos de tomada de decisão.

A mistura de planejamento cuidadoso e adaptativo com um processo de comando e gestão multi-participativo e local, parece ter sido o grande trunfo de que dispôs Barcelona para transformar os Jogos Olímpicos de 1992 em desenvolvimento e reabilitação urbana para a cidade. Ao contrário dos outros casos estudados, a cidade catalã produziu um plano diretor bastante flexível 10 anos antes da nomeação olímpica, e embora estivesse prevista a execução de um evento internacional, nada era dito quanto à data de sua realização ou sua natureza, deixando espaço para o que quer que se conseguisse no futuro. Receber as Olimpíadas foi um “acidente de percurso” previsto por um planejamento que conseguia aproveitar as oportunidades que se descobriam em seus horizontes.

Tendo assegurado o direito de sediar seu grande evento, era hora de capitalizar o máximo possível em cima de sua realização, aproveitando suas qualidades catalisadoras de interesses diversos, para por em prática a maior quantidade de projetos e idéias possível. Para tornar esse desejo uma realidade foi criada a HOLSA<sup>59</sup>, uma sociedade onde as várias esferas do governo (municipal, regional, provincial e federal) e representantes da iniciativa privada e da população barcelonense exerceriam controle sobre o projeto e a execução das obras olímpicas. Capitaneados pelo governo municipal, que não necessariamente exercia uma centralização constritora, todos os seguimentos da sociedade espanhola e catalã puderam ter suas idéias ouvidas, em um processo de gestão considerado exemplar, unindo a autoridade de intervenção do setor governamental à agilidade e eficiência do setor privado na hora de projetar e executar as intervenções.

Embora também possuíssem certo nível de participação dos vários setores da sociedade na gerência de seus projetos, Genova e Sevilha não o faziam com a mesma profundidade que Barcelona. Mais além, não possuíam o mesmo nível de planejamento alcançado no noroeste espanhol, tendo seus eventos uma característica mais singular, isolada de outros esforços maiores para o acondicionamento de suas áreas urbanas.

Na capital andaluz, as disputas partidárias e das esferas de governo sobre o comando do projeto da exposição resultaram em um desastre gigantesco, pois a falta de consenso os impediu de enxergar além do evento, para o seu legado e sua influência no ambiente urbano. Influuiu sobremaneira a excessiva centralização das decisões exercida pelo comitê organizador, dirigido pelo próprio Rei Espanhol e seus assessores, que pouco ajudaram na tarefa de ouvir os anseios locais e regionais das áreas afetadas pelo projeto.

Pouco planejamento e pouquíssima participação da sociedade levaram a uma festividade política, que prestou seu serviço enquanto aberta ao público, e que depois seria

---

<sup>59</sup> Holding Olímpic, SA

um problema local. As autoridades desfilaram em frente às câmeras, fizeram seus discursos, colheram os louros da organização daquela que talvez tenha sido a melhor e maior exposição até aquela data, e depois se recolheram aos seus afazeres, sem pensar no *after-party*, no que fazer com tudo aquilo no dia seguinte.

Já o caso italiano, apesar de ser em uma escala infinitamente menor, comete quase os mesmos erros, mas reage de modo oposto, e parece contar com a sorte quando lucra sobre um elemento coadjuvante, adicionado às pressas ao projeto inicial, o aquário. Do fracasso da exposição ao sucesso do aquário evidenciam-se as falhas do planejamento, que felizmente não condenaram a empreitada ao mesmo desastre sevilhano, mas que acabaram acertando em cheio o alvo da autopromoção genovesa, melhorando sua imagem e atraindo novos eventos, turistas e negócios para a cidade.

Pode-se argumentar que o tamanho diminuto do projeto de Genova tenha permitido uma maior flexibilidade na sua execução, que a aposta na Expo não era tão grande quanto na Espanha, e que a relação entre as festividades e o aquário era mais de cooperação do que de dominância. Mas percebe-se que não se deve exagerar a ponto de excluir o fator sorte deste cenário.

É ponto pacífico, porém, o fato de que a festivalização, quando bem empregada, serve perfeitamente como catalisador de interesses e processos para o desenvolvimento urbano, e é uma estratégia mais do que indicada para cidades em busca de reposicionamento socioeconômico ou recondicionamento de áreas degradadas. Resta definir quais as características que tornam o processo bem planejado, gerenciado e executado.

O estudo dos casos desta pesquisa sugere que, a exemplo de Barcelona e Genova, o planejamento deve ser adaptável e contar com a participação de toda a sociedade em sua concepção. Deve prever, acolher e saber lidar com as eventuais possibilidades que surgem

no decorrer dos anos, sejam elas boas ou más, e tomar partido de sua presença para impulsionar a execução dos seus elementos prioritários.

Há fortíssimos indícios de que a gestão dos esforços deva ser descentralizada e próxima dos governos locais, evitando imposições de autoridades federais que não compreendem as verdadeiras necessidades da cidade em questão. Junto a essa descentralidade, a análise do caso catalão sugere fortemente uma grande participação da iniciativa privada na administração do processo, seja através de holdings ou ONGs, mas sempre com parcerias público-privadas, de modo a combinar a autoridade e a agilidade e eficiência dos dois mundos.

Este estudo aponta para o fato de que quando mais adaptativo, descentralizado, multi-disciplinar e agregador for o projeto e sua gestão, mais chance ele terá de se concretizar de forma eficaz, e mais possibilidades ele terá de impactar positivamente sobre a cidade, podendo vir a gerar, inclusive, futuros projetos que se aproveitem dos objetivos já alcançados para melhorar ainda mais as condições urbanas do local.

Quanto à escala da empreitada, pode-se escolher entre uma intervenção mais abrangente como a de Barcelona, com grande dispêndio financeiro, ou algo de menor porte como o processo genovês, com etapas mais modestas e acessíveis. O estudo dos casos não sugere qualquer ligação entre o tamanho da intervenção e o seu sucesso posterior, mas apenas aponta que projetos menores têm uma possibilidade maior de aceitar reestruturações e mudanças nucleares ao longo de sua execução.

De qualquer modo, ambos os casos devem prever a continuidade de suas ações após a realização do grande evento, planejando as próximas etapas que serão executadas tão logo sejam necessárias ou possíveis. O caso catalão ilustra esta constatação ao repetir a fórmula dos Jogos Olímpicos 12 anos depois com o Fórum Mundial 2004, dessa vez

realizando uma intervenção grande, mas de porte bastante inferior à de 1992, de recuperação da região da foz do rio Besòs.

Genova também é exemplo de continuidade ao expandir sua intervenção para as demais áreas costeiras da cidade, chegando até ao aeroporto, enquanto que Sevilha mostra como a total falta de planejamento na dimensão temporal pode reduzir os ganhos de um projeto de grande vulto a níveis inaceitáveis.

Por fim nota-se o caminho que Barcelona começa a trilhar com seu Plano Metropolitano, onde as ações não são mais pensadas no âmbito de uma cidade ou município, mas de sua área metropolitana e regional, de modo a buscar a produção de um desenvolvimento sustentável e descentralizado, evitando as diferenças de qualidade entre assentamentos próximos, e os deslocamentos de população com elas relacionadas.

É neste contexto e com esses objetivos que esta pesquisa sugere que a estratégia de planejamento dos grandes eventos seja empregada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

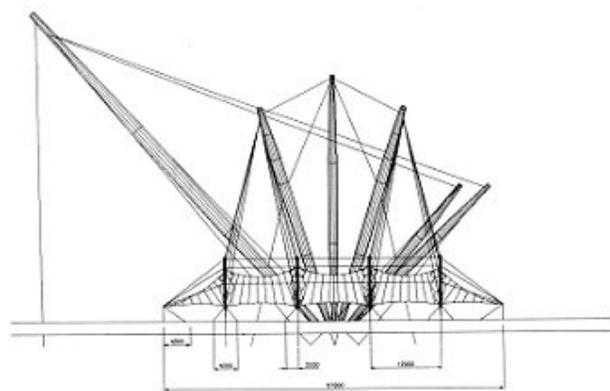
- L'ARCA *Colombiane 1992*. n.º. 59, abril 1992.
- L'ARCA *Una Città e il Mare*. n.º. 59, abril 1992.
- PROJETO *Vila Olímpica de Barcelona*. n.º. 145, Setembro 1991.
- ADJMI, Morris, BERTOLOTTI, Giovanni. *Aldo Rossi, Drawings and Paintings*. New York: Princeton, 1993.
- ALBERTI, Leon Battista. *De Re Aedificatoria*. Cambridge: MIT Press, 1988.
- ALCÁNTARA, Manuel. *Mirar Para Otro Lado - Debate Sobre las Pérdidas de la Expo 92 de Sevilla*. In *Epoca* n.º 665, Novembro 1997.
- ALEXANDER, Christopher, *A Pattern Language*. New York: Oxford University Press, 1977.
- ANDERSON, Jerry. *Venue Masterplanning*. In IOC, *Olympic Games and Architecture: The Future for Host Cities*. Lausanne: IOC, 2001.
- ANDO, Tadao, *Anywhere*. New York: Rizzoli, 1992.
- ARGAN, Guido, *História da Arte Como História da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ASCHER, François. *Les Nouveaux Principes de L'Urbanisme*. La Tour d'Aigues: L'Aube, 2004.
- BACON, Edmund N. *Design of Cities*. London: Thames and Hudson, 1975.
- BARNETT, Jonathan, *The Elusive City: Five Centuries of Design Ambition and Miscalculation*. New York: Harper and Row, 1986.
- BENEVOLO, Leonardo. *Introdução à Arquitetura*. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- BORJA, Jordi. *La Ciudad Como Oferta y la Innovación Urbanística*. Conferência em Donostia, 2002.
- BRINGOLO, Roberto e PIANO, Renzo. *Renzo Piano*, The Monacelli Press, Londres, 1997.

- BRUNET, Ferran. *The economic impact of the Barcelona Olympic Games, 1986-2004: Barcelona: the legacy of the Games, 1992-2002*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB. 2005.
- BUSQUETS, Joan. *Perspectiva desde las ciudades*. In *Ciudad y Territorio* nº 95-96 - 1993.
- CALVINO, Italo, *Cidades Invisíveis*, Sao Paulo: Cia das Letras, 2000.
- CAMPBELL, Kelvin, *Finding the tools for better design*. In *Planning* 1307, Fevereiro 1999.
- CENTRE DE CULTURA CONTEMPORÀNIA DE BARCELONA. *Barcelona Contemporânea 1856-1999*. Barcelona: Disputaciò de Barcelona. 1996.
- CHANDLER, Arthur: *The First Exposition: L'Exposition publique des produits de l'industrie française*, Paris, 1789, in: *World's Fair* 10.1 (January/February/March 1990), pp 7-10.
- CHIAVARI, Maria Pace. *Genova Cidade-Porto: um Reencontro Entre a Cidade e o Mar*. In *Cadernos do Patrimônio Cultural* nº. 4/5, 1994.
- CHOAY, Françoise, *O Urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CHUECA, F, *Breve Historia del Urbanismo*. Madrid: Alianza, 1968.
- CORBUSIER, Le, *Urbanismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CULLEN, Gordon. *Townscape*. London: Architectural Press, 1961.
- DEL RIO, Vicente. *O Modelo de Revitalização Urbana e o Caso de Baltimore*. In *Cadernos do Patrimônio Cultural* nº. 4/5, 1994.
- DELLEPIANE, Alberto. *Genoa – A waterfront revival of historical proportions in Urban Review – Volume II Issue II – Spring 2005*.
- EHRENBERG, E. KRUSE, W. *Soziale Stadtentwicklung durch grosse Projekte?*, LIT, Münster, 2000, p.15. op. cit. FRANCO, Simona, *Trasformare una città – Tese da Universidade de Torino - 2002*
- ENGLISH PARTNERSHIPS, *Urban Design Compendium*. Londres: Llewelyn-Davies, 2000.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio, *Ver a Cidade*. São Paulo: Studio-Nobel, 1988.

- FERRER, AMADOR. *Barcelona 1992*, in VENTURI, Marco, *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Venezia: Il Cardo, 1994.
- FRANCO, Simona, *Trasformare una città* – Tese da Universidade de Torino – 2002.
- GREGOTTI, Vittorio, *El Territorio de la Arquitectura*. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.
- HEGEL, G.W.F., *Introducción a la Estética*. Barcelona: Península, 1982.
- HOWELLS, Trevor, ed, *The World's Greatest Buildings: Masterpieces of Architecture and Engineering*, San Francisco: Time Life Books, 2000.
- INGALLINA, Patrizia. *Le Projet Urbain*. Paris: Presses Universitaires de France, 2001.
- IOC, International Olympic Committee. *Olympic Games and Architecture: The Future for Host Cities*. Lausanne: Olympic Museum, 2001.
- IOC, International Olympic Committee. *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*. Lausanne: Olympic Museum, 1996.
- KOSTOV, Spiro, *The City Assembled*. Londres: Bulfinch, 1992.
- LAMAS, José Garcia, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.
- LEFEBVRE, Henri, *Writings on Cities*. Oxford: Blackwell, 1996.
- LYNCH, Kevin, *A Imagem da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MACHADO, Denise B. P, VASCONCELLOS, Eduardo M. (orgs), *Cidade e Imaginação*. Rio de Janeiro: ProUrb, 1996.
- MACHADO, Denise B. P, PEREIRA, Margareth S, MARQUES, Rachel C. (orgs), *Urbanismo em Questão*. Rio de Janeiro: ProUrb, 2003.
- MARIEU, Jean. *La ville en tant que projet, la ville qui s'offre*. Conferência em Donostia, 2002.
- MAUSBACH, H, *Introducción al Urbanismo*. Barcelona: Gustavo Gili, 1977.
- MEYER, Han. *City and Port: Urban Planning as a Cultural Venture in London, Barcelona, New York and Rotterdam*. Rotterdam: International Books, 1999.
- MILLET, Luis, Barcelona: *Lessons to be learned. Five little known aspects of the Barcelona Olympics*. In IOC, *Olympic Games and Architecture: The Future for Host Cities*. Lausanne: IOC, 2001.

- MONTANARI, Armando. *Grandi Eventi, Marketing Urbano e Realizzazione di Nuovi Spazi Turistici*. In Bolletino della Società Geografica Italiana, serie XII, volume VII, 4, 2002.
- MORINI, Mario. *Atlante di Storia dell'Urbanistica (Dalla Preistoria all'Inizio del Secolo XX)*. Milano: Hoepli, 1983.
- MORRIS, A. E. J, *Historia de la Forma Urbana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1998.
- MUÑOZ, Francesc. *Historic Evolution and Urban Planning Typology of Olympic Villages*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB, 1997.
- MUÑOZ, Francesc. *La Producció Residencial de Baixa Densitat*. Barcelona: Disputació Barcelona, 2005.
- NEL.LO, Oriol. *The Olympic Village of Barcelona '92*. in IOC. *Olympic Villages: A Hundred Years of Urban Planning and Shared Experiences*. Lausanne: Olympic Museum, 1996.
- NEUSCHWANDER, Claude. *Gestion stratégique des villes. Pourquoi le marketing urbain est-il nécessaire*. Conferência em Donostia, 2002.
- NORBERG-SCHULZ, Christian, *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*. New York: Rizzoli, 1984.
- ORTEGA Y GASSET, José, *Notas*. Madrid: Anaya, 1970.
- PANERAI, Philippe, CASTEX, Jean, DEPAULE, Jean, *Formas Urbanas: de la Manzana al Bloque*. Barcelona: Gustavo Gili, 1986
- PLATON, *Obras Completas*. Madrid: Aguillar, 1986.
- PIRENNE, Henri, *Medieval Cities*. New York: Anchor Books, 1956.
- PORTAS, Nuno, *Urbanismo e Sociedade: Construindo o futuro*, in *Cidade e Imaginação* 1ª Ed. Rio de Janeiro: PROURB, 1996.
- PYRGIOTIS, Yannis, Athens: *The Games in the XXIst Century*. in IOC, *Olympic Games and Architecture: The Future for Host Cities*. Lausanne: IOC, 2001.
- ROSSI, Aldo, *A arquitetura da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ROWE, Collin, KOETTER, Fred. *Collage City*. Cambridge: MIT Press, 1995.

- SELLE, Klaus, *Una grande manifestazione come strumento per lo sviluppo urbano*, in *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. Venezia: Il Cardo, 1994.
- SPREIREGEN, Paul, *Compendio de Arquitectura Urbana*. Barcelona: Gustavo Gili, 1973.
- SUKOPP, H, WERNER, P, *Naturaleza en las ciudades*. Madrid: Ministerio Obras Públicas y Transportes, 1991.
- TEIXEIRA, Luis Calvo. *Exposiciones Universales: El mundo en Sevilla*. Barcelona: Labor, 1992
- TSIOMIS, Yannis, *O Projeto Urbano Hoje: entre situações e tensões*, in *Urbanismo em Questão* 1ª Ed. Rio de Janeiro: PROURB, 2003.
- TSIOMIS, Yannis, *Projeto Urbano, Embelezamento e reconquista da cidade*, in *Cidade e Imaginação*, 1ª Ed. Rio de Janeiro: PROURB, 1996.
- VENTURI, Marco, *Grandi Eventi – La Festivalizzazione della Politica Urbana*. 1ª Ed. Venezia: Il Cardo, 1994



ANEXOS

## ANEXO I – LISTA DE FEIRAS INTERNACIONAIS\*

### 1700s

- 1756 - London, England - First Exhibition - the Society of Arts
- 1798 - Paris, France - Exposition publique des produits de l'industrie française

### 1800 - 1849

- 1801 - Paris, France - Exposition publique des produits de l'industrie française
- 1802 - Paris, France - Exposition publique des produits de l'industrie française
- 1806 - Paris, France - Exposition publique des produits de l'industrie française
- 1829 - New York, New York, United States - American Institute Fair
- 1844 - Paris, France - French Industrial Exposition
- 1849 - Birmingham, England - Exposition of British Society
- 1849 - First Exhibition of British Manufacturers

### 1850s

- 1851 - London, England - Great Exhibition of the Works of Industry of All Nations
- 1852 - Cork, Ireland - Irish Industrial Exhibition
- 1853 - New York, New York, United States - Exhibition of the Industry of All Nations
- 1853 - Dublin, Ireland - Great Industrial Exhibition
- 1854 - Munich, Germany - Allgemeine deutsche Industrie-Ausstellung
- 1854 - Melbourne, Victoria, Australia - Melbourne Exhibition
- 1855 - Paris, France - Exposition Universelle
- 1855 - Dublin, Ireland - Dublin International Exhibition
- 1857 - Manchester, England - Art Treasures Exhibition

### 1860s

- 1860 - Besançon, France - Exposition universelle
- 1861 - Melbourne, Victoria, Australia - Victorian Exhibition
- 1862 - Hamburg, Germany - International Agricultural Exhibition
- 1862 - London, England - International Exhibition
- 1864 - Amsterdam, Netherlands - Dutch Industry Exposition
- 1865 - Philadelphia, Pennsylvania, United States - Great Central Fair
- 1865 - Oporto, Portugal - Exposição Internacional
- 1865 - Dublin, Ireland - International Exhibition of Arts and Manufactures
- 1865 - Dunedin, New Zealand - New Zealand Exhibition
- 1866 - Melbourne, Victoria, Australia - Intercolonial Exhibition of Australasia
- 1867 - Paris, France - Exposition Universelle
- 1868 - Le Havre, France - Exposition Maritime Internationale

### 1870s

- 1870 - Córdoba, Argentina - Exposición Nacional
- 1870 - Sydney, New South Wales, Australia - Intercolonial Exhibition
- 1871 - London, England - First Annual International Exhibition
- 1872 - London, England - Second Annual International Exhibition
- 1872 - Lyon, France - Exposition Universelle et Internationale
- 1872 - Kyoto, Japan - Exhibition of Arts and Manufactures
- 1873 - London, England - Third Annual International Exhibition
- 1873 - Vienna, Austria - Weltausstellung 1873 Wien
- 1873 - Sydney, New South Wales, Australia - Metropolitan Intercolonial Exhibition
- 1874 - London, England - Fourth Annual International Exhibition
- 1874 - Dublin, Ireland - International Exhibition of Arts and Manufactures
- 1874 - Rome, Italy - Esposizione internazionale (never held)

---

\* Fonte: Bureau International des Expositions.

1875 - Santiago, Chile - Exposición Internacional de 1875  
1875 - Melbourne, Victoria, Australia - Victorian Intercolonial Exhibition  
1875 - Nizhni Novgorod, Russia - Nizhni Novgorod Fair  
1875 - Sydney, New South Wales, Australia - Intercolonial Exhibition  
1875 - Santiago, Chile - Exposición Internacional de Chile  
1876 - Philadelphia, Pennsylvania, United States - Centennial Exposition  
1876 - Brisbane, Queensland, Australia - Intercolonial Exhibition  
1877 - Cape Town, South Africa - South African International Exhibition  
1877 - Tokyo, Japan - First National Industrial Exhibition  
1878 - Paris, France - Exposition Universelle  
1878 - Ballarat, Victoria, Australia - Australian Juvenile Industrial Exhibition  
1879 - Sydney, New South Wales, Australia - Sydney International Exhibition  
1879 - Melbourne, Victoria, Australia - Intercolonial Juvenile Industrial Exhibition

#### 1880s

1880 - Melbourne, Victoria, Australia - Melbourne International Exhibition  
1881 - Atlanta, Georgia, United States - International Cotton Exposition  
1881 - Budapest, Hungary - Országos Magyar Nöiparkállitás  
1882 - Bordeaux, France - Exposition internationale des vins  
1882 - Buenos Aires, Argentina - Exposición Continental Sud-Americana  
1883 - Boston, Massachusetts, United States - The American Exhibition of the Products, Arts and Manufactures of Foreign Nations  
1883 - Amsterdam, Netherlands - International Colonial Exhibition  
1883 - Calcutta, India - Calcutta International Exhibition  
1883 - Parramatta, New South Wales, Australia - Intercolonial Juvenile Industrial Exhibition  
1883 - Louisville, Kentucky, United States - Southern Exposition  
1883 - New York, New York, United States - World's Fair (never held)  
1884 - New Orleans, Louisiana, United States - World Cotton Centennial (New Orleans Universal Exposition and World's Fair), (World's Industrial and Cotton Centennial Exhibition)  
1884 - Melbourne, Victoria, Australia - Victorian International Exhibition 1884 of Wine, Fruit, Grain & other products of the soil of Australasia with machinery, plant and tools employed  
1884 - Edinburgh, Scotland - International Forestry Exhibition  
1884 - St. Louis, Missouri, United States - Saint Louis Exposition  
1884 - Turin, Italy - Esposizione generale italiana  
1885 - Melbourne, Victoria, Australia - Victorians' Jubilee Exhibition  
1885 - Antwerp, Belgium - Exposition Universelle d'Anvers  
1885 - Wellington, New Zealand - New Zealand Industrial Exhibition  
1885 - New Orleans, Louisiana, United States - North, Central and South American Exposition  
1885 - London, England - International Exhibition of Inventions  
1886 - London, England - Colonial and Indian Exhibition  
1886 - Melbourne, Victoria, Australia  
1886 - Edinburgh, Scotland - International Exhibition of Industry, Science and Art  
1886 - Liverpool, England - International Exhibition of Navigation, Commerce and Industry  
1887 - Adelaide, South Australia, Australia - Adelaide Jubilee International Exhibition  
1887 - Geelong, Victoria, Australia - Geelong Jubilee Juvenile and Industrial Exhibition  
1887 - London, England - American Exhibition  
1887 - Rome, Italy - Esposizione mondiale  
1888 - Melbourne, Victoria, Australia - Victorian Juvenile Industrial Exhibition  
1888 - Glasgow, Scotland - International Exhibition  
1888 - Brussels, Belgium - Grand Concours International des Sciences et de l'Industrie  
1888 - Barcelona, Spain - Exposición Universal de Barcelona  
1888 - Lisbon, Portugal - Exposição Industrial Portuguesa  
1888 - Copenhagen, Denmark - The Nordic Exhibition of 1888  
1889 - Paris, France - Exposition Universelle  
1889 - Dunedin, New Zealand - New Zealand and South Seas Exhibition  
1889 - Buffalo, New York, United States - International Industrial Fair

## 1890s

- 1890 - Bremen, Germany - Nord-West-Deutsche Gewerbe und Industrie-Ausstellung
- 1891 - Moscow, Russia - Exposition française
- 1891 - Kingston, Jamaica - International Exhibition
- 1891 - Launceston, Tasmania, Australia - Tasmanian International Exhibition
- 1891 - Prague, Bohemia - General Land Centennial Exhibition
- 1892 - Genoa, Italy - Esposizione italo-americana
- 1892 - Madrid, Spain - Exposición Histórico-Americana
- 1892 - Washington, DC, United States - Exposition of the Three Americas (never held)
- 1893 - Chicago, Illinois, United States - World's Columbian Exposition
- 1893 - Kimberly, South Africa - South Africa and International Exhibition
- 1893 - New York, New York, United States - World's Fair Prize Winners' Exposition
- 1894 - San Francisco, California, United States - California Midwinter International Exposition of 1894
- 1894 - Antwerp, Belgium - Exposition Internationale d'Anvers
- 1894 - Lyon, France - Exposition internationale et coloniale
- 1894 - Oporto, Portugal - Exposição Insular e Colonial Portuguesa
- 1895 - Hobart, Tasmania, Australia - Tasmanian International Exhibition
- 1895 - Ballarat, Victoria, Australia - Australian Industrial Exhibition
- 1895 - Atlanta, Georgia, United States - Cotton States and International Exposition
- 1896 - Berlin, Germany - Gewerbe-Ausstellung
- 1896 - Mexico City, Mexico - International Exposition (never held)
- 1897 - Brussels, Belgium - Exposition Internationale de Bruxelles
- 1897 - Guatemala City, Guatemala - Exposición Centro-Americana
- 1897 - Brisbane, Queensland, Australia - Queensland International Exhibition
- 1897 - Chicago, Illinois, United States - Irish Fair
- 1897 - Nashville, Tennessee, United States - Tennessee Centennial and International Exposition
- 1897 - Stockholm, Sweden - Allmänna konst- och industriutställningen
- 1898 - Dunedin, New Zealand - Otago Jubilee Industrial Exhibition
- 1898 - Omaha, Nebraska, United States - Trans-Mississippi Exposition
- 1898 - Bergen, Norway - International Fisheries Exposition
- 1898 - Munich, Germany - Kraft- und Arbeitsmaschinen-Ausstellung
- 1898 - San Francisco, California, United States - California's Golden Jubilee
- 1898 - Turin, Italy - Esposizione generale italiana
- 1898 - Vienna, Austria - Jubiläums-Ausstellung
- 1899 - Coolgardie, Australia - Western Australian International Mining and Industrial Exhibition
- 1899 - Omaha, Nebraska, United States - Greater America Exposition
- 1899 - Philadelphia, Pennsylvania, United States - National Export Exposition
- 1899 - London, England - Greater Britain Exhibition

## 1900s

- 1900 - Paris, France - Exposition Universelle
- 1900 - Adelaide, South Australia, Australia - Century Exhibition of Arts and Industries
- 1901 - Buffalo, New York, United States - Pan-American Exposition
- 1901 - Glasgow, Scotland - Glasgow International Exhibition
- 1901 - Vienna, Austria - Bosnische Weihnachts-Ausstellung
- 1901 - Charleston, SC, United States - South Carolina and Interstate and West Indian Exposition
- 1902 - Turin, Italy - Esposizione Internazionale d'Arte Decorativa Moderna
- 1902 - Hanoi, Vietnam (Tonkin), Indo China Exposition Française et Internationale
- 1902 - New York, New York, United States - Colonial and International Exposition (never held)
- 1902 - Toledo, Ohio, United States - Ohio Centennial and Northwest Territory Exposition - (never held)
- 1903 - Osaka, Japan - National Industrial Exposition
- 1904 - St. Louis, Missouri, United States - Louisiana Purchase Exposition (and Olympic Games)
- 1905 - Portland, Oregon, United States - Lewis & Clark Centennial Exposition
- 1905 - Liège, Belgium - Exposition universelle et internationale
- 1905 - London, England - Naval, Shipping and Fisheries Exhibition
- 1905 - New York, New York, United States - Irish Industrial Exposition
- 1906 - Milan, Italy - Esposizione Internazionale del Sempione
- 1906 - London, England - Austrian Exhibition

1906 - Marseille, France - Exposition coloniale  
 1906 - Christchurch, New Zealand - International Exhibition  
 1907 - Dublin, Ireland - Irish International Exhibition  
 1907 - Hampton Roads, Virginia, United States - Jamestown Exposition  
 1907 - Chicago, Illinois, United States - World's Pure Food Exposition  
 1907 - Mannheim, Germany - Internationale Kunst-Ausstellung  
 1908 - London, England - Franco-British Exhibition  
 1908 - New York, New York, United States - International Mining Exposition  
 1908 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil - Exposição Nacional  
 1909 - Seattle, Washington, United States - Alaska-Yukon-Pacific Exposition  
 1909 - New York, New York, United States - Hudson-Fulton Celebration  
 1909 - San Francisco, California, United States - Portolá Festival  
 1909 - Quito, Ecuador - Exposición Nacional

#### 1910s

1910 - Nanking, China - Nanking Exposition  
 1910 - Brussels, Belgium - Exposition Universelle et Industrielle des Bruxelles  
 1910 - Buenos Aires, Argentina - Exposición Internacional  
 1910 - London, England - Japan-British Exhibition  
 1910 - San Francisco, California, United States - Admission Day Festival  
 1910 - Vienna, Austria - Internationale Jagd-Ausstellung  
 1911 - Dresden, Germany - International Hygiene Exhibition  
 1911 - London, England - Coronation Exhibition  
 1911 - London, England - Festival of Empire  
 1911 - Rome, Italy - Esposizione internazionale d'arte  
 1911 - Turin, Italy - Esposizione internazionale delle industrie e del lavoro  
 1911 - Glasgow, Scotland - Scottish Exhibition, Art and Industry  
 1911 - New York, New York, United States - International Mercantile Exposition  
 1912 - Manila, Philippines - Philippine Exposition  
 1912 - London, England - Latin-British Exhibition  
 1912 - Tokyo, Japan - Grand Exposition of Japan (never held)  
 1913 - Ghent, Belgium - Exposition universelle et internationale  
 1913 - Amsterdam, Netherlands - Tentoonstelling De Vrouw 1813-1913  
 1913 - Knoxville, Tennessee, United States - National Conservation Exposition  
 1914 - Boulogne-sur-Mer, France - International Exposition of Sea Fishery Industries  
 1914 - Cologne, Germany - Werkbund Exposition  
 1914 - Nottingham, England - Universal Exhibition  
 1914 - Semarang, Indonesia - Koloniale Tentoonstelling  
 1914 - Kristiania, Norway - Norges Jubilæumsutstilling  
 1915 - San Francisco, California, United States - Panama-Pacific International Exposition  
 1915 - San Diego, California, United States - Panama-California Exposition  
 1915 - Panama City, Panama - Exposición Nacional de Panamá  
 1915 - Richmond, Virginia, United States - Negro Historical and Industrial Exposition  
 1915 - Washington, DC, United States - Star-Spangled Banner Centennial Celebration (never held)  
 1917 - San Francisco, California, United States - Allied War Exposition  
 1918 - New York, New York, United States - Bronx International Exposition  
 1918 - Chicago, Illinois, United States - Allied War Exposition  
 1918 - Los Angeles, California, United States - California Liberty Fair

#### 1920s

1920 - Shanghai, China - American-Chinese Exposition  
 1921 - London, England - International Exhibition of Rubber and Other Tropical Products  
 1922 - Marseille, France - Exposition nationale coloniale  
 1922 - Tokyo, Japan - Peace Exhibition  
 1922 - Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brazil - Exposição do Centenario do Brasil  
 1923 - Los Angeles, California, United States - American Historical Review and Motion Picture Exposition  
 1923 - Calcutta, India - Calcutta Exhibition

1923 - Gothenburg, Sweden - Gothenburg Exhibition - Industrial Exhibition  
 1924 - Wembley, London, England - British Empire Exhibition  
 1924 - New York, New York, United States - French Exposition  
 1925 - Lyon, France - Foire  
 1925 - San Francisco, California, United States - California's Diamond Jubilee  
 1925 - Dunedin, New Zealand - New Zealand and South Seas International Exhibition  
 1925 - Paris, France - Exposition Internationale des Arts Décoratifs et Industriels Modernes  
 1926 - Philadelphia, Pennsylvania, United States - Sesquicentennial Exposition  
 1926 - Berlin, Germany - Internationale Polizeiausstellung  
 1927 - Lyon, France - Foire internationale  
 1928 - Cologne, Germany - Internationale Presse-Ausstellung  
 1928 - Long Beach, California, United States - Pacific Southwest Exposition  
 1929 - Barcelona, Spain, - Expo '29 (Exposición Ibero-Americana)  
 1929 - Newcastle upon Tyne, England - North East Coast Exhibition

#### 1930s

1930 - Antwerp, Belgium - Exposition internationale coloniale, maritime et d'art flamand  
 1930 - Liège, Belgium - Exposition internationale de la grande industrie, sciences et applications  
 1930 - Stockholm, Sweden - Stockholm International  
 1930 - Trondheim, Norway - Trøndelag Exhibition  
 1931 - Milan, Italy - International Foundry Exhibition and Congress  
 1931 - Paris, France - Exposition coloniale internationale  
 1931 - Yorktown, Virginia, United States - Yorktown Sesquicentennial  
 1933 - Chicago, Illinois, United States - Century of Progress International Exposition  
 1934 - Oporto, Portugal - Exposição Colonial Portuguesa  
 1934 - Tel Aviv, Israel - Levant Fair  
 1935 - Brussels, Belgium Exposition universelle et internationale  
 1935 - San Diego, California, United States - California Pacific International Exposition  
 1935 - Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil -Exposição do Centenario Farrroupilha  
 1936 - Stockholm, Sweden – Universal Exhibition  
 1936 - Johannesburg, South Africa - Empire Exhibition  
 1936 - Cleveland, Ohio, United States - Great Lakes Exposition  
 1936 - Dallas, Texas, United States - Texas Centennial Central Exposition  
 1937 - Berlin, Germany - Ausstellung  
 1937 - Cleveland, Ohio, United States - Great Lakes Exposition  
 1937 - Dallas, Texas, United States - Greater Texas and Pan American Exposition  
 1937 - Düsseldorf, Germany - Reichsausstellung Schaffendes Volk  
 1937 - Miami, Florida, United States - Pan American Fair  
 1937 - Paris, France - Exposition Internationale des Arts et Techniques dans la Vie Moderne  
 1937 - Nagoya, Japan - Nagoya Pan-Pacific Peace Exposition  
 1938 - Helsinki, Finland - Universal Exhibition  
 1938 - Glasgow, Scotland - Empire Exhibition, Scotland 1938  
 1939 - New York, New York, United States - 1939 New York World's Fair  
 1939 - San Francisco, California, United States - Golden Gate International Exposition  
 1939 - Wellington, New Zealand - New Zealand Centennial Exhibition  
 1939 - Dresden, Germany - Deutsche Kolonial Ausstellung  
 1939 - Liège, Belgium - Exposition internationale de l'eau  
 1939 - Zürich, Switzerland - Schweizerische Landesausstellung

#### 1940s

1940 - Lisbon, Portugal - Exposição do Mundo Português  
 1940 - Los Angeles, California, United States - Pacific Mercado (never held)  
 1940 - Naples, Italy - Mostra Triennale delle Terre Italiane d'Oltremare  
 1940 - Tokyo, Japan - Grand International Exposition of Japan (never held)  
 1942 - Los Angeles, California, United States - Cabrillo Fair (never held)  
 1942 - Rome, Italy - Esposizione universale (never held)  
 1947 - Paris, France - Exposition Internationale  
 1948 - Brussels, Belgium - Foire coloniale

1949 - Stockholm, Sweden – Universal Exhibition  
1949 - Lyon, France – Exposition Internationale  
1949 - Port-au-Prince, Haiti - Exposition internationale du bicentenaire de Port-au-Prince

#### 1950s

1951 - Lille, France - Exposition Internationale  
1951 - London, England - Festival of Britain  
1953 - Jerusalem, Israel - International Exhibition  
1953 - Rome, Italy - International Exhibition  
1954 - Naples, Italy - International Exhibition  
1955 - Turin, Italy - International Exhibition  
1955 - Helsingborg, Sweden - International Exhibition  
1956 – Beit Dagon, Israel - International Exhibition  
1957 - Berlin, Germany - International Exhibition  
1957 - Guangzhou, China - Chinese Export Commodities Fair  
1958 - Brussels, Belgium - Expo '58 (Exposition Universelle et Internationale)

#### 1960s

1961 - Turin, Italy - International Exhibition  
1962 - Seattle, Washington, United States - International Exhibition  
1964 - New York, New York, United States - 1964/1965 New York World's Fair  
1965 - Munich, Germany - International Exhibition  
1967 - Montreal, Quebec, Canada - Expo '67, (Universal and International Exhibition)  
1968 - San Antonio, Texas, United States - HemisFair '68

#### 1970s

1970 - Osaka, Japan - Expo '70 (Japan World Exposition)  
1971 - Budapest, Hungary - International Exhibition  
1974 - Spokane, Washington, United States - Expo '74 (International Exposition on the Environment)  
1975 - Okinawa, Japan - Expo '75 (International Ocean Exposition)

#### 1980s

1981 - Plovdiv, Bulgaria - International Exhibition  
1982 - Knoxville, Tennessee, United States - 1982 World's Fair (International Energy Exposition)  
1984 - New Orleans, Louisiana, United States - 1984 Louisiana World Exposition  
1985 - Tsukuba, Japan - Expo '85  
1985 - Plovdiv, Bulgaria - International Exhibition  
1986 - Vancouver, British Columbia, Canada - Expo '86 (1986 World Exposition)  
1988 - Brisbane, Queensland, Australia - Expo '88

#### 1990s

1992 - Seville, Spain - Seville Expo '92  
1992 - Genoa, Italy - Genoa Expo '92  
1993 - Daejeon (Taejon), South Korea - Expo '93  
1998 - Lisbon, Portugal - Expo '98

#### 2000s

2000 - Hanover, Germany - Expo 2000  
2002 - Biel, Murten, Neuchâtel and Yverdon-les-Bains in Switzerland - Expo.02  
2005 - Aichi, Japan - Expo 2005  
2008 - Zaragoza, Spain - Expo 2008  
2010 - Shanghai, China - Expo 2010

## ANEXO II – LISTA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE VERÃO DA ERA MODERNA\*

- 1896 - Atenas, Grécia
- 1900 - Paris, França
- 1904 - Saint Louis, Estados Unidos
- 1906 - *Edição comemorativa* - Atenas - Grécia
- 1908 - Londres, Reino Unido
- 1912 - Estocolmo, Suécia
- 1916 - Berlim, Alemanha - *Cancelado devido à I Guerra Mundial*
- 1920 - Antuérpia, Bélgica
- 1924 - Paris, França
- 1928 - Amsterdã, Holanda
- 1932 - Los Angeles, Estados Unidos
- 1936 - Berlim, Alemanha
- 1940 - Helsinki, Finlândia - *Cancelado devido à II Guerra Mundial*
- 1944 - Londres, Reino Unido - *Cancelado devido à II Guerra Mundial*
- 1948 - Londres, Reino Unido
- 1952 - Helsinki, Finlândia
- 1956 - Melbourne, Austrália
- 1960 - Roma, Itália
- 1964 - Tóquio, Japão
- 1968 - Cidade do México, México
- 1972 - Munique, República Federal da Alemanha
- 1976 - Montreal, Canadá
- 1980 - Moscou, União Soviética
- 1984 - Los Angeles, Estados Unidos
- 1988 - Seul, Coreia do Sul
- 1992 - Barcelona, Espanha
- 1996 - Atlanta, Estados Unidos
- 2000 - Sydney, Austrália
- 2004 - Atenas, Grécia
- 2008 - Pequim, China
- 2012 - Londres, Reino Unido

---

\* Fonte: Comitê Olímpico Internacional.

### ANEXO III – LISTA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE INVERNO DA ERA MODERNA\*

- 1924 - Chamonix, França
- 1928 - Saint Moritz, Suíça
- 1932 - Lake Placid, Estados Unidos
- 1936 - Garmisch-Partenkirchen Alemanha
- 1940 - *Interrupção devido à II Guerra Mundial*
- 1944 - *Interrupção devido à II Guerra Mundial*
- 1948 - Saint Moritz, Suíça
- 1952 - Oslo, Noruega
- 1956 - Cortina d'Ampezzo, Itália
- 1960 - Squaw Valley, Estados Unidos
- 1964 - Innsbruck, Áustria
- 1968 - Grenoble, França
- 1972 - Sapporo, Japão
- 1976 - Innsbruck, Áustria
- 1980 - Lake Placid, Estados Unidos
- 1984 - Sarajevo, Iugoslávia
- 1988 - Calgary, Canadá
- 1992 - Albertville, França
- 1994 - Lillehammer, Noruega (*antecipado para intercalar com os jogos de Verão*).
- 1998 - Nagano, Japão
- 2002 - Salt Lake City, Estados Unidos
- 2006 - Turim, Itália
- 2010 - Vancouver, Canadá

---

\* Fonte: Comitê Olímpico Internacional.

## ANEXO IV – RESULTADO FINANCEIRO DE BARCELONA\*

**Table 1 | Economic resources of the Barcelona Olympic Games 1992: source, application and impact**

Accumulated value 1986-1993 in Millions	Pesetas	US \$		Euros	Distribution	
		Current	2000			
<b>A. SOURCE OF FUNDING</b>	<b>1.119.510</b>	<b>9.376</b>	<b>11.532</b>	<b>12.474</b>	<b>100.0</b>	
<b>1. Commercial income</b>	<b>668.387</b>	<b>5.598</b>	<b>6.886</b>	<b>7.448</b>	<b>59.7</b>	<b>100.0</b>
1.1. Domestic private company investments	204.697	1.714	2.108	2.280	18.3	30.6
1.2. International private company investments	108.320	907	1.116	1.207	9.7	16.2
1.3. Spanish state company investments	130.416	1.092	1.343	1.453	11.6	19.5
1.4. HOLSA income	42.306	354	435	471	3.8	6.3
1.5. COOB'92	182.648	1.530	1.882	2.036	16.3	27.3
Television rights	54.164	454	558	604	4.8	8.1
Sponsors: monetary payment	58.152	487	599	648	5.2	8.7
Sponsors: payment in kind	42.448	356	438	474	3.8	6.4
Lotteries	20.143	169	208	225	1.8	3.0
Others	7.741	65	80	87	0.7	1.2
<b>2. Government funding</b>	<b>451.123</b>	<b>3.778</b>	<b>4.647</b>	<b>5.026</b>	<b>40.3</b>	<b>100.0</b>
2.1. State funding for COOB'92	12.947	108	133	144	1.2	2.9
2.2. HOLSA: MEH and AB credit	112.590	943	1.160	1.255	10.1	25.0
2.3. State budget investments	325.586	2.727	3.354	3.628	29.1	72.2
Barcelona City Hall (municipality)	22.789	191	235	254	2.0	5.1
Generalitat de Catalunya (regional government)	142.726	1.195	1.470	1.590	12.7	25.7
Spanish state (central government)	116.124	973	1.197	1.295	10.4	31.6
European Union	8.100	68	84	91	0.7	1.8
Other public administration bodies	35.848	300	69	399	3.2	7.9
<b>B. APPLICATION AND USE OF RESOURCES</b>	<b>1.119.510</b>	<b>9.376</b>	<b>11.532</b>	<b>12.474</b>	<b>100.0</b>	
<b>1. Organization</b> (COOB'92 programmes)	<b>162.880</b>	<b>1.364</b>	<b>1.678</b>	<b>1.815</b>	<b>14.5</b>	<b>100.0</b>
1.1. Competitions	14.045	118	145	157	1.3	8.6
1.2. Ceremonies and cultural events	9.053	76	93	101	0.8	5.6
1.3. Press, radio and television	18.254	153	188	203	1.6	11.2
1.4. Preparation of facilities (not including building work)	13.510	113	139	150	1.2	8.3
1.5. Technology	24.791	208	256	277	2.2	15.2
1.6. Olympic family services	37.023	310	381	412	3.3	22.7
1.7. Security	4.671	39	48	52	0.4	2.9
1.8. Management and corporate image	18.618	155	191	207	1.7	11.5
1.9. Support structures	22.915	192	236	255	2.0	14.1
<b>2. Resources applied to building work</b> (public and private investments linked to the Games) = <b>Olympic Legacy</b>	<b>956.630</b>	<b>8.012</b>	<b>9.855</b>	<b>10.660</b>	<b>85.5</b>	<b>100.0</b>
2.1. Roads and transport	404.514	3.388	4.167	4.507	36.1	42.3
2.2. Telecommunications and services	123.313	1.033	1.271	1.375	11.1	2.9
2.3. Coasts, recovery work and parks	60.438	506	622	673	5.4	6.3
2.4. Housing, offices and premises	139.741	1.170	1.439	1.556	12.5	14.6
2.5. Hotels	119.884	1.004	1.235	1.336	10.7	12.5
2.6. Sports equipment and facilities	87.511	733	902	976	7.8	9.1
2.7. Cultural and health facilities, and others	21.229	178	219	237	1.9	2.2
<b>C. TOTAL ECONOMIC IMPACT</b>	<b>3.107.788</b>	<b>26.028</b>	<b>32.014</b>	<b>34.628</b>	<b>100.0</b>	
<b>1. Direct impact</b>	<b>1.165.600</b>	<b>9.762</b>	<b>12.007</b>	<b>12.987</b>	<b>37.5</b>	
1.1. Resources applied to organization and building work (A = B)	1.119.510	9.376	11.532	12.474	36.0	
1.2. Spending by non-resident visitors	46.090	386	475	514	1.5	
<b>2. Indirect impact</b>	<b>1.942.188</b>	<b>16.266</b>	<b>20.007</b>	<b>21.641</b>	<b>62.5</b>	

\* Fonte: BRUNET, Ferran. *The economic impact of the Barcelona Olympic Games, 1986-2004: Barcelona: the legacy of the Games, 1992-2002*. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB. 2005.

**Table 2 | Financial balance of the Barcelona Olympic Games 1992**

Current accumulated monetary values in Millions	Before the Games		After the Games				
	1986-1992		1993-2001		2002-2010		
	Pesetas	US \$	Pesetas	US \$	Pesetas	Euros	US \$
<b>A. Fiscal income for Public Administration from organisation of Barcelona Olympic Games 1992 and generated by the related public and private activities</b>							
1. Central Spanish Government	759380	6359	445024	2781	636191	3824	3534
VAT	186467	1562	120314	752	178580	1073	992
Company tax	77694	651	37598	235	55806	335	310
Income tax	310779	2603	150392	940	223225	1342	1240
Savings on unemployment payment	184440	1545	136720	855	178580	1073	992
2. Generalitat de Catalunya (regional government)	2347	20	7500	47	11250	68	63
Inheritance and legal deed tax	2347	20	7500	47	11250	68	63
3. Barcelona City Hall (municipal government)	2100	18	47526	297	57059	343	317
Tax on economic activities (IAE)	1200	10	18776	117	22531	135	125
Property and capital gains tax	500	4	27490	172	32988	198	183
Planning and waste disposal fees, and other sources of income	400	3	1260	8	1540	9	9
4. Other Public Administration bodies	200	2	600	4	700	4	4
<b>Total public administration income deriving from Olympic activities</b>	<b>764027</b>	<b>6398</b>	<b>500650</b>	<b>3129</b>	<b>705200</b>	<b>4238</b>	<b>3918</b>
<b>B. Public Administration investment and expenses in organisation of the Barcelona Olympic Games 1992 and in related public and private sector activities</b>							
1. Central Spanish Government	199071	1667	68692	429	70192	422	390
MOPU and other Ministries	116124	972	2500	16	4000	24	22
State payments to COOB'92	12947	108	-	-	-	-	-
½ HOLSA annual funding 1993-2009 (MEH)	-	-	66192	414	66192	398	368
Tax reductions for Olympic activities	50000	419	-	-	-	-	-
Other services not listed	20000	167	-	-	-	-	-
2. Generalitat de Catalunya (regional government)							
Infrastructure: building / maintenance	142726	1195	60000	375	75000	451	417
3. Barcelona City Hall (municipality)	28325	237	166192	1039	191192	1149	1062
Barcelona City Hall and municipal areas	22789	191	10000	63	15000	90	83
½ HOLSA annual funding 1993-2009 (AB)	-	-	66192	414	66192	398	368
Extraordinary municipal services in relation to the Games	4036	34	-	-	-	-	-
Maintenance and amortization of Olympic facilities	1500	13	90000	563	110000	661	611
4. Other Public Administration bodies	35848	300	14000	88	6500	39	36
5. European Union	8100	68	-	-	-	-	-
<b>Total public investment and spending on Olympic activities</b>	<b>414070</b>	<b>3468</b>	<b>308884</b>	<b>1931</b>	<b>342884</b>	<b>2061</b>	<b>1905</b>
<b>A-B. Financial balance of the Barcelona Olympic Games 1992</b>							
<b>Income-expenses = Financial balance</b>	<b>349957</b>	<b>2930</b>	<b>191766</b>	<b>1198</b>	<b>362316</b>	<b>2177</b>	<b>2013</b>
Yearly average financial balance	58326	488	23971	150	45290	272	252
Yearly average in millions of euros at 2000 rates	650		267		505		

Source: Brunet (1994 and 2000).

**Table 3 | Investment in urban renewal in Barcelona, 1986-2010**

Accumulated values in millions of euros at 2000 rate#					
1986-1992 Public and private investment related to the Olympic Games = Olympic Legacy		1992-2004 Investments in metropolitan economic infrastructure		2004-2010 Investments related to Barcelona 2004 and Poblenou 22@BCN	
Coasts, recovery work and parks	673	Environmental infrastructure	930	Environmental infrastructure	1800
Telecommunications and services	1375	Telecommunications (telephones and cables)	2036	Seafront	750
Housing, offices and premises	1556	AVE and non-regional trains	1658	AVE	2100
Hotels	1336	Extension of airport	925	Extension of port	800
Sports equipment and facilities	976	Extension of port	841	Port, diversion of Llobregat river & Logistics Zone	1500
Cultural, health facilities and others	237	Electric network	589	Diagonal Mar, Forum 2004 and Sant Andreu	720
Roads and transport	4507	Road network Metro, urban trains, trams, buses	1502	Metropolitan public transport	7295
			1394	Poblenou 22@BCN	2675
<b>Total</b>	<b>10660</b>	<b>Total</b>	<b>9875</b>	<b>Total</b>	<b>17640</b>
+ Urban renewal					
Ciutat Vella	1603	Ciutat Vella, Eixample	1921	Ciutat Vella, Eixample, Gràcia, Nou Barris	2400
<b>General total</b>	<b>12263</b>	<b>General total</b>	<b>11796</b>	<b>General total</b>	<b>20040</b>

Source: 1986-1992: Brunet (1994) and Table 1 above; 1992-2004: Clusa (1996); and 2004-2010: Brunet (2000) and based on data provided by AB, Forum 2004, Metropolitan Transport Authority and Ministry for Industrial Development (Fomento).

## ANEXO V – MAPA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO EM BARCELONA



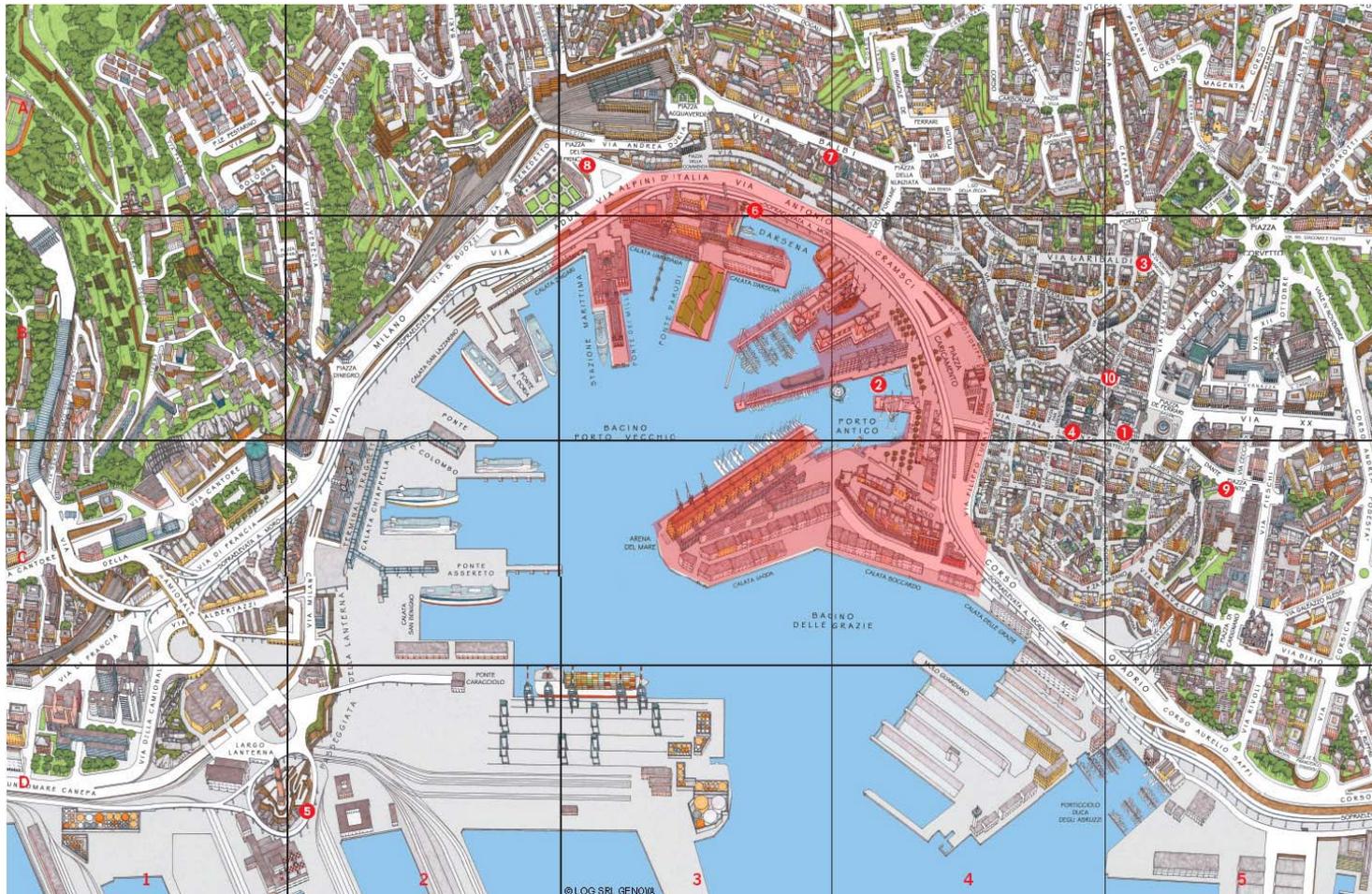
Fonte: Ajuntament de Barcelona.

## ANEXO VI – MAPA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO EM SEVILHA



Fonte: Ayuntamiento de Sevilla.

## ANEXO VII – MAPA DA ÁREA DE INTERVENÇÃO EM GENOVA



Fonte: Comune di Genoa.